

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

Yasmim Gonçalves Paulino

**Acompanha A Versão!**  
**Possibilidades de Empoderamento Feminino no Funk em *Desembaça***

Produto Jornalístico

Mariana  
2023

Yasmim Gonçalves Paulino

**Acompanha A Versão!**

**Possibilidades de Empoderamento Feminino no Funk em *Desembaça***

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Cláudio Rodrigues Coração

Mariana

2023

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P328a Paulino, Yasmim Goncalves.  
Acompanha A Versão! [manuscrito]: possibilidades de empoderamento feminino no funk em Desembaça. / Yasmim Goncalves Paulino. - 2023.

77 f. (Série: Práticas comunicacionais e tempo social)

Orientador: Prof. Dr. CLAUDIO RODRIGUES CORAÇÃO.  
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Direitos das mulheres. 2. Funk (Música). 3. Mulheres - Condições sociais. 4. Sensualidade na dança. I. CORAÇÃO, CLAUDIO RODRIGUES. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 364.65-055.2

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Yasmim Gonçalves Paulino**

Acompanha A Versão! Possibilidades de Empoderamento Feminino no Funk em Desembaça

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 20 de julho de 2023

### Membros da banca

Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Pro. Dr. Carlos Jauregui Pinto - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Mestra Camila Campos Costa - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Cláudio Rodrigues Coração, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30 de julho de 2023



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Rodrigues Coracao, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/07/2023, às 13:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0564423** e o código CRC **0F0A248C**.

Dedico este trabalho às mulheres da minha família que me inspiram e me ensinam todos os dias sobre o amor, a vida e suas contradições.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha família. Pai e mãe, não tenho palavras para agradecer por tanto e por sempre me incentivarem a alçar vôos cada vez maiores. Ao meu irmão, meu melhor e sincero amigo. Às minhas tias, que somam uma força que está sempre à disposição para tudo. Um agradecimento especial ao professor, orientador e amigo, Cláudio Coração, que sempre alimentou minhas ideias e acreditou no meu trabalho. Aos amigos leais da graduação, dos encontros da vida e da minha terra, que dividem os sonhos e me lembram sempre de acreditar em mim mesma. Um obrigada carinhoso ao meu bem, Clara Lua, pela força, escuta e apoio sem descanso. Às fontes Tamiris Coutinho, Danilo Cymrot e GG Albuquerque que contribuíram com suas pesquisas e bom humor nas entrevistas, muito obrigada. Sem o apoio de vocês, o ombro, a companhia, a compreensão e paciência, não teria sido possível chegar até o fim deste ciclo. Eu tenho dado muita sorte na vida ou também acho que posso atribuir isso a Deus e aos Orixás, que costuram meus caminhos junto comigo.

## RESUMO

O memorial a seguir descreve o processo de construção de um produto como Trabalho de Conclusão de Curso, uma série de três episódios de podcast, intitulado *Desembaça*, que narra uma história sobre o impacto das mulheres no funk. O objetivo do trabalho é investigar as possibilidades de empoderamento feminino pelo funk, ritmo musical que desperta debates entre a autossuficiência das mulheres e a objetificação dos corpos. Alguns subgêneros do funk tem a característica de cantar sobre o sexo e o prazer e quando é cantado por mulheres podem iniciar um efeito transgressor a determinados papéis impostos socialmente. O natural crescimento das funkeiras no cenário musical brasileiro deu a luz a gerações de artistas e abriu um leque de maneiras de narrar suas histórias pelo funk sem limitá-las apenas à expressão da sexualidade. Algumas questões como a insistente perseguição à cultura periférica brasileira e aos corpos negros no Brasil estão intimamente relacionadas a essas histórias introduzidas em três episódios. Para sustentar os métodos de pesquisa e reflexões sobre o tema são utilizados, além da narração da autora, recursos sonoros de entrevistas com especialistas, pesquisadores, artistas, documentários, músicas e referências teóricas de texto.

**Palavras-chave:** sexualidade; funk; mulheres; possibilidades; empoderamento

## ABSTRACT

The following memorial describes the process of building a product such as Work of Course Completion, a series of three podcast episodes, entitled *Desembaça*, which tells a story about the impact of women in funk music. The objective of the work is to investigate the possibilities of female empowerment through funk, a musical rhythm that create debates between women's self-sufficiency and the objectification of bodies. Some subgenres of funk have the characteristic of singing about sex and pleasure and when sung by women they can start a transgressive effect on certain socially imposed roles. The natural growth of funkeiras in the Brazilian music scene gave birth to real generations of artists and opened up several ways to narrate their stories through funk without limiting them only to the expression of sexuality. Some issues such as the insistent attention to Brazilian peripheral culture and black bodies in Brazil are closely related to these stories introduced in three episodes. In order to support the methods of research and reflection on the subject, in addition to the author's narration, sound resources from interviews with experts, researchers, artists, documentaries, music and theoretical text references are used.

**Keywords:** sexuality; funk; women; possibilities; empowerment

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO - Papo reto e putaria</b> .....	1
<b>1. Potenciais e Possibilidades</b> .....	4
1.1 - Liberta, DJ! Sobre o legado musical do funk e seu potencial .....	4
1.2 - Sou Feio mas tô na moda! .....	13
1.3 - My pussy mata rindo! Possibilidades de empoderamento feminino por meio do funk .....	14
<b>2 - Reflexões sobre o podcast e o jornalismo cultural</b> .....	28
<b>3 - DIÁRIO DE PRODUÇÃO - Trabalho lindo, bb</b> .....	32
3.1 - Partimos daqui: O processo criativo .....	32
3.2 - O corre das entrevistas e personagens .....	34
3.3 - Garimpendo: Roteiro e Edição .....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS - O babado é embrazar</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39
<b>ANEXOS</b> .....	42

## **INTRODUÇÃO - Papo reto e Putaria**

Na gravação do DVD Furacão 2000 ARMAGEDON 3, MC Carol de Niterói entra no palco e canta: “Meu namorado é mó otário, ele lava minhas calcinhas”. Anos depois, em 2022, no palco do Rock in Rio, Ludmilla dispõe uma mesa no meio do palco e convida artistas como Tati Quebra Barraco, MC Soffia, Tasha e Tracie e Majur para se sentarem e cantarem junto com ela. Essas duas cenas foram algumas das que me marcaram e me fizeram refletir sobre as trajetórias das mulheres no funk e o debate sobre machismo nesse cenário musical. O papo sobre o funk ser machista tem se provado um tanto ultrapassado. Essa é uma impressão pessoal e tem a ver com o fato de que esse debate sempre deságua em afirmações limitadas sobre esse ritmo que é um fenômeno mundial. Um fenômeno que, a cada dia que passa, alcança novos espaços simbolicamente gigantes para quem o faz. Podemos facilmente destacar casos como o sucesso da cantora Anitta, da música BumbumTamTam, dos rostos de MC Dricka e Ludmilla nos telões da Times Square e Baile de Favela, do MC João, sendo trilha sonora na apresentação da ginasta brasileira, Rebeca Andrade, campeã das Olimpíadas de Tóquio (2020). É claro que os artistas de funk, homens ou mulheres, estão expostos a reproduzirem discursos misóginos em suas músicas e esse posicionamento merece atenção. Mas não faz sentido tornar o funk bode expiatório para questões sociais brasileiras de profunda complexidade e que também estão refletidas em diversos outros gêneros musicais da história da música popular brasileira. Já que estamos todos inseridos em uma sociedade com uma forte cultura patriarcal e machista, constantemente vigilante e limitando o espaço de sujeitos que não estão no padrão imposto, faz sentido esperar que as inspirações musicais brasileiras sejam livres de discursos contraditórios ou complexos? Aliás, uma das coisas mais interessantes sobre esse ritmo é a sua complexidade e fluidez que se reinventa todos os dias.

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso é uma reportagem especial com o esboço do tema “possibilidades de empoderamento feminino por meio do funk”. O recorte principal do trabalho tem sido a trajetória das mulheres no funk no decorrer dos anos brasileiros e o que tem mudado no discurso e no posicionamento das cantoras como funkeiras. A atenção à palavra ‘possibilidades’ é extremamente importante para o trabalho, pois, quando falamos sobre ‘empoderamento por meio do funk’, abre-se um leque de caminhos para diferentes mulheres. O Funk Sensual e o Funk Putaria recebem uma atenção privilegiada nas discussões deste trabalho por conta do conteúdo das letras, que falam sobre sexo, prazer, relacionamentos, baile e, se sobrar tempo, o amor. A composição das letras é um combustível para despertar reações diversas e, em grande medida, preconceituosas sobre o

funk. Reações que não ficam exclusivas apenas a pessoas que se posicionam como aliadas a um posicionamento político mais conservador ou de direita. Como já citado anteriormente, o funk não está imune a reproduzir misoginia ou discursos de ódio, mas cantar sobre sexo não é exclusivamente a mesma coisa, mesmo que seja narrado explicitamente. Sendo cantado por homens ou mulheres, o funk traz a possibilidade da sexualidade numa chave lúdica, da brincadeira, do prazer, do potencial de vida da sensualidade longe do aspecto puritano e castrador que permeia essa temática para as mulheres.

Ao contrário do debate Funk e Machismo, o refrão da música ‘Meu namorado é mó otário’ transitou pelos anos, muitas vezes como um meme na Internet, e se tornou um marco na carreira da artista e no funk. Carol faz parte de uma geração de funkeiras que surgiu perto do ano de 2010, junto com nomes como Anitta e MC Pocahontas, por exemplo. Apesar do alívio cômico que acompanha a entrada e a música de MC Carol, ela descreve uma relação afetiva entre um homem e uma mulher com um discurso de grande potencial emancipatório em relação às normas sociais impostas à mulher boa, recatada e do lar. Como nomeia a autora Tamiris Coutinho, podemos dizer que esse discurso é também empoderador. A autora mencionada escreveu o livro *Cai de boca no meu B\*o*, fruto do seu projeto de TCC e irá aparecer com frequência neste trabalho. Em seu livro, ela argumenta sobre o potencial empoderador que o funk possui quando cantado por mulheres. Tamiris Coutinho mergulha pela história do ritmo brasileiro, conta sobre o papel que as funkeiras tiveram e quem são as gerações do funk feminino brasileiro. No caso de MC Carol, a autora considera que a artista faz parte da terceira geração, que já carrega um discurso e uma postura como artista muito diferente das primeiras funkeiras que romperam com a linha evolutiva do funk lá no começo dos anos 2000. A cena que descrevi da cantora Ludmilla convidar diferentes artistas, representantes do funk e da cultura negra em resumo, para subir ao palco e se sentarem à mesa é uma ilustração ao vivo de um impacto das gerações anteriores. Durante a apresentação, Lud, em uma forma de reverência histórica e celebração àquelas figuras, escreveu um enredo de como caminhos como os da própria artista se tornaram possíveis graças à uma contribuição que veio antes.

Para se aprofundar em diversas nuances que esse tema desperta, o formato escolhido foi o de podcast que acabei nomeando como *Desembaça*. A ideia partiu da expressão mineira “embaçado”, que significa algo que não deu certo ou qualquer coisa no sentido negativo. Na tentativa de colocar as coisas em seus lugares, quero fazer o caminho contrário desse significado. Por isso, *Desembaça*. Com o intuito de criar uma imersão no universo funk em sua gigante complexidade de sons e temas, o áudio foi o principal meio de comunicação

utilizado. A cada degrau que a discussão sobe, é possível acionar recursos a partir de músicas, entrevistas e da minha narração. A ideia é convidar o ouvinte a se render ao pancadão das mina disposição até a geração do bonde das faixas rosa.

## **1 - Potenciais e Possibilidades**

### **1.1 - Liberta, DJ! Sobre o legado musical do funk e seu potencial**

Para surpresa de algumas pessoas, o funk é mais complexo e contraditório do que pode parecer. Talvez ele te engane com letras que “zoam” com situações, falam sobre sexo e uma sequência de passinhos ‘malados’, mas o funk é contraditório e complexo como movimento: em suas letras, no posicionamento de seus artistas e no imaginário das pessoas. Para ilustrar um pouco melhor, vejamos. Existe um certo julgamento popular com um tom moralista sobre como o funk é machista e não é música de verdade. Mas existem pesquisadores e artistas empenhados em debater o funk como uma ferramenta poderosa na construção da autoestima de um público de pessoas marginalizadas socialmente. Como pode caber tantas interpretações em algo que só te faz dançar e escapar do resto do mundo?

As marcações negativas em torno do funk, seus produtores e consumidores, estão diretamente ligados ao racismo estrutural e ao conflito de classes no Brasil. É possível afirmar que parte da constante vigilância que o funk recebe diz respeito a suas origens, por ser um ritmo criado dentro dos territórios periféricos do Rio de Janeiro e a forte identificação de jovens negros com esse universo musical. Mas vale a pena refletir a perspectiva crítica de analisar o funk como um espaço que dá margem para o machismo, a misoginia, a homofobia e outras formas de violência. Com o decorrer dos anos, o funk tem se abastecido dessa mesma complexidade da sociedade brasileira e se transformado constantemente. Neste trabalho, vamos tratar de diferentes versões e conversar sobre o potencial de desajuste, de resgate e de transformação. A começar conhecendo seu legado de resistência ao racismo que o acompanha.

A influência da experiência musical dos Estados Unidos impactou muito o Brasil com a black music, um atravessamento de ritmos. A antropóloga Adriana Facina, citada no livro de Tamiris Coutinho, aponta que: “A história do funk carioca tem origem na junção de tradições musicais afrodescendentes brasileiras e estadunidenses. Não se trata, portanto, de uma importação de um ritmo estrangeiro, mas sim de uma releitura de um tipo de música ligado à diáspora africana” (2009, p.2). Esse caldeirão de referências musicais tem um pouco de tudo da música eletrônica, como o Electro, Miami Bass, Funky, Soul, House. Segundo estudos do pesquisador e jornalista, GG Albuquerque, é possível até encontrar técnicas de mixagem de DJ’s jamaicanos.

Podemos dizer que um pontapé inicial dessa história é o blues<sup>1</sup>. O gênero musical tem origem no século XVII, com a população negra que foi raptada para saciar o sistema escravocrata das Américas. Enquanto trabalhavam nas lavouras nos Estados Unidos, os homens e mulheres escravizados cantavam versos em ritmos e melodias tristes.

Enquanto enfrentavam exaustivas jornadas de trabalho, os negros entoavam dizeres ritmados usando a voz como instrumento – as chamadas worksongs. Os donos de terra e capatazes entendiam as canções como uma forma de manter a cadência do trabalho, no entanto, elas eram utilizadas como uma ferramenta de resistência às péssimas condições em que viviam. (COUTINHO, p. 13, 2021)

A autora Tamiris Coutinho segue com uma descrição que liga o surgimento do blues com a vivência dos escravizados nos Estados Unidos:

Com o projeto de evangelização cristã da população negra, que ocorreu a partir do século XIX, as expressões religiosas foram unidas aos ritmos provenientes da diáspora africana e à essência das worksongs. Esse processo desencadeou o que ficou conhecido como spiritual, canções que mesclam a mítica religiosa, o sentimento de melancolia e questões sociais, e foi fundamental para a criação efetiva do blues. (COUTINHO, p. 14, 2021)

Após o fim da Guerra Civil, mais de 4 milhões de pessoas negras escravizadas foram formalmente “libertados”<sup>2</sup> e as movimentações culturais em torno da música ganharam um fôlego. Com a evolução desse repertório, foram surgindo outros ritmos da black music como o jazz, o rhythm and blues, ou R&B, que ajudaram a popularizar ainda mais as produções musicais feitas por pessoas negras para além de suas comunidades. Com o decorrer do tempo, esses artistas deram à luz ao Soul, que ganha um papel político no movimento pelos direitos civis da população negra nos Estados Unidos. Segundo Rui Júnior, citado por Tamiris Coutinho:

O rithym and blues e a música religiosa tocada por negros denominada de gospel originou outro estilo marcante nesta evolução musical originada pelo blues e caracterizada por grandes transformações presentes na estrutura musical. Este estilo foi denominado por Soul Music pela mídia cultural e traz como principais características o aspecto performático tanto dos músicos quanto do público. (RUI JÚNIOR, apud. COUTUNHO, p. 14-15, 2021).

---

<sup>1</sup> Há alguns pesquisadores que apostam na teoria de que o ritmo foi nomeado de blues em referência à melancolia e a tristeza nos cantos, fazendo referência à expressão “to feel blue”, que significa se sentir triste, em inglês.

<sup>2</sup> A palavra libertados entra entre aspas pois mesmo com a abolição do trabalho escravo, os ex-escravizados conviveram com um extenso processo de segregação social. Além das perseguições, assassinatos e torturas cometidas por grupos racistas que acreditam na supremacia branca como o exemplo da Klu Klux Klan (KKK). Torna-se impossível, portanto, dizer que essas pessoas estariam livres.

Essa efervescência cultural durante o ápice do Soul, por volta dos anos 1970, foi marcada por uma agitação política dos Movimentos pelos Direitos Civis da população negra dos Estados Unidos. Em resposta à toda a segregação social provocada e legitimada pelo Estado, os artistas de Soul contribuíram ativamente na disseminação do orgulho negro. Lemas como “Black is Beautiful” (Negro é lindo) e “I’m black and I’m proud” (Eu sou negro e tenho orgulho) eram entoados em shows e eventos da black music. O Movimento Black Power ganhava cada vez mais visibilidade, caminhando lado a lado com as manifestações culturais da época. À medida que o caldo cultural foi engrossando, não demorou muito para o Funky<sup>3</sup> surgir.

Foi nesse período de efervescência musical, dos anos 1970 em diante, que batidas mais intensas, repetitivas e sensuais foram unidas ao soul desenvolvendo o funky. A palavra era empregada para indicar a batida forte e dançante, mas também tinha conotação sexual, sendo, então, considerada inadequada. (COUTINHO, p.15, 2021)

De acordo com Hermano Vianna, acessado por Coutinho:

Em 68, o soul já tinha se transformado em um termo vago, sinônimo de “black music”, e perdia a pureza “revolucionária” dos primeiros anos da década, passando a ser encarado por alguns músicos negros como mais um rótulo comercial. Foi nessa época que a gíria funky deixou de ter um significado pejorativo, quase um palavrão, e começou a ser um símbolo do orgulho negro. Tudo pode ser funky: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma maneira de tocar música, que ficou conhecida como funk. Se o soul já agradava aos ouvidos da “maioria” branca, o funk radicalizava suas propostas iniciais, empregando ritmos mais marcados (“pesados”) e arranjos mais agressivos. (COUTINHO, p.15, 2021)

Em seguida, um dos mais importantes movimentos culturais da música no mundo começou a dar as caras nos subúrbios dos Estados Unidos: o Movimento Hip-Hop. Ainda por volta dos anos 1970 e 1980, nos bairros periféricos do país, era comum uma presença majoritária de imigrantes latinos, jamaicanos, negros afro-americanos que se abrigavam nos Estados Unidos em busca de oportunidades. Uma hibridização cultural foi se constituindo e o hip-hop começou a tomar forma. Na época, começaram a se popularizar os potentes sons automotivos, instalados em caminhonetes que reunidas transformaram os pátios e praças em bailes. Nesses encontros, a galera mandava ver na dança, no grafite e na improvisação das rimas. De acordo com Thifani Jacinto:

---

<sup>3</sup> Apesar da semelhança na pronúncia, ainda não era o funk que conhecemos. O funky trata-se ainda de mais uma das várias referências sonoras. \* mencionar que no Brasil ele era o tipo de som que o Tim Maia fazia, por exemplo.

O Hip-Hop passou a ser a manifestação percussora da resistência marginal da segunda metade do século XX, iniciada pelo Blues no final do século XIX. Como o Blues, o Hip-Hop procura manifestar a resistência perante o sistema social que manteve os grupos afro-estadunidenses em condições secundárias. Essa situação parte de princípios histórico-sociais e as condições em que se davam o Blues e o seu conteúdo são semelhantes às do Hip-Hop que se desenvolveu posteriormente. Assim, as manifestações são resultado dos processos de hibridização. São produtos compostos dentro dos territórios marginalizados que, por se caracterizarem pelas trocas culturais, possibilitam novas formas de produção cultural. Porém, as produções culturais são realizadas por indivíduos capacitados para desenvolver tais manifestações. O Blues e o Hip-Hop não se trata de simples produções. Caracterizam-se pela maneira como procuram comunicar, formando discursos ideológicos, construídos com a finalidade de esclarecer a população e resistir ao sistema. É plausível concluir que o Hip-Hop é a atualização do Blues, uma vez que seu contexto em essência faz referência direta aos blues das sociedades. (JACINTO, apud, COUTINHO, p. 16, 2021)

Segundo Coutinho, “os gêneros da black music estadunidense foram fundamentais para o amadurecimento do processo de resistência da comunidade negra. Afinal, em um país extremamente racista, ter negros em posição de destaque e ditando tendências ia muito além do fazer sucesso; era um ato de representatividade e valorização de suas raízes”.

Paralelo às batidas estadunidenses, por volta dos anos 1970, antes do funk ser reconhecido e conhecido como é nos dias de hoje, rolaram os primeiros bailes do Rio de Janeiro, os chamados Bailes da Pesada, organizados pelos DJs Big Boy e Ademir Lemos. Esses encontros rolavam no Canecão, casa de show na zona sul carioca, e reunia um público bem heterogêneo em termos de classe e cor. No decorrer do tempo, o Canecão decidiu transformar-se em uma casa da MPB. O baile soul foi convidado a se retirar e passou a ser realizado nos subúrbios e favelas cariocas, adquirindo uma identificação mais íntima com o público pobre e majoritariamente negro. As equipes de som faziam seu nome, junto com DJ's e grupos de dançarinos. Seria a partir desses bailes que alguns dos grupos de funk mais famosos do Brasil surgiriam: O Furacão 2000 e a Soul Grand Prix. Até mais ou menos o começo da década de 1990, antes do funk se afirmar como um gênero musical, o que se tocava nos bailes era um misto de Soul com outras músicas eletrônicas. As faixas eram conhecidas como Raps ou Melôs. Segundo o autor do livro *O Funk na Batida*, Danilo Cymrot, “até fins dessa década, o funk que tocava nos bailes era instrumental ou com letras em inglês, que os frequentadores muitas vezes substituíram espontaneamente por palavras em português que tinham uma sonoridade parecida, mas não eram nada fiéis à tradução.” Para facilitar a imaginação, uma das músicas de referência foi a versão Melô do Taca Tomate, uma versão da música *You Talk Too Much*, do RUN DMC. Esse ritmo foi apelidado de “balanço” e conquistou dançarinos fiéis que se deslocavam de onde fosse para seguir o baile. O pessoal

se reunia em grupos e dançava em passos marcados, uma prática que não se perdeu com o decorrer do tempo em bailes funks. Podemos citar como um ponto marcante na história do funk carioca, o lançamento do disco Funk Brasil, do DJ Marlboro, em 1989, que trouxe pela primeira vez MC's cantando com letras em português aquele tipo de funk que tocavam nos bailes.

O autor Danilo Cymrot, em sua pesquisa ainda comenta que “a equipe da Soul Grand Prix, em um esforço didático de introdução à cultura *black is beautiful*, entremeava em seus bailes slides de personalidades negras com cenas de pilotos de Formula 1”. Importante ressaltar que no início da popularização dos bailes cariocas, o contexto político e social do Brasil era os anos de ditadura militar, e uma multidão de pessoas negras não era bem vista. Durante o período de ditadura, os conflitos sociais e raciais eram abafados por um espírito cívico e patriota, o que alimentava o mito da democracia racial naquela geração.

A polícia política acreditava que por trás das equipes de som existiam grupos clandestinos e radicais de esquerda. DJs e organizadores de bailes contam que foram encapuzados e levados para o Departamento de Ordem Política e Social (Dops) para interrogatórios, que pessoas estranhas ao movimento se infiltraram nos bailes e que equipamentos de som foram destruídos pela polícia. (CYMROT, p.26. 2022)

O Jornal do Brasil inventou o nome “Black Rio” para aquele movimento de pessoas negras que se identificavam juntas e acabou atraindo holofotes para os encontros. Os bailes passaram a ser um canal de propagação e enaltecimento da estética e do orgulho da comunidade negra carioca mesmo sem um forte compromisso militante. Apesar de o baile acabar se distanciando gradualmente do conteúdo político-ideológico militante, a reunião de pessoas negras e a forte identificação com o universo musical que era celebrado ali assustavam as autoridades.<sup>4</sup>

No contexto social da época, em plena Ditadura Militar, o processo de identificação da juventude negra despertou a atenção dos militares acerca de sua potência política e ideológica, principalmente, depois que uma reportagem definiu a união dos jovens negros cariocas como movimento Black Rio. A partir desse episódio a black music

---

<sup>4</sup> O incômodo das autoridades policiais à aglomerações de pessoas negras não é uma novidade. É uma questão persistente no Brasil desde o período da escravidão dos povos africanos. Há registros históricos de medidas administrativas que criminalizava manifestações artísticas, religiosas, políticas ou mesmo o fato de apenas circular em determinados espaços da cidade depois de determinado horário. Todas as pessoas negras eram alvo de suspeição generalizada, segundo Danilo Cymrot. O autor conclui que “todas essas proibições, sob o pretexto de assegurar a “ordem pública”, possivelmente refletiam o receio, por parte dos escravocratas, de uma possível rebelião de escravizados, e mesmo de homens livres, mediante sua aglomeração”. Essas práticas de repressão vão se atualizando com o decorrer dos anos em outras formas de abordagem como veremos ao longo do trabalho.

começou a ser efetivamente debatida na mídia. Com essa repercussão, alguns proprietários de equipes e artistas acabaram sendo perseguidos e até mesmo detidos durante esse período. (COUTINHO, p. 18, 2021)

O autor Danilo Cymrot aponta que a repressão foi um fator de peso na perda gradual do potencial da criação de um movimento étnico militante, mas outro fator balançou o cenário: o ‘boom’ da discoteca.

As tentativas de se desenvolver, naquele momento, qualquer movimento étnico, porém, foram enterradas não só com a repressão implementada pelo regime militar, mas também com o boom da discoteca, uma música apreciada tanto na zona Sul como na zona Norte da cidade, de espírito mais hedonista, comercial e despolitizado, mais europeizada, “domesticada” e adaptada ao gosto branco. Os militantes esqueceram os bailes, pois não mais os consideravam um espaço propício para a conscientização. (CYMROT, p.27, 2022)

Ao absorver diferentes referências da música eletrônica, aquele novo ritmo musical começava a trilhar sua própria linha evolutiva. Sobre o surgimento do termo ‘funk’ como um gênero musical, Tamiris Coutinho dá a letra:

Diversos gêneros variantes da black music estadunidense, assim como ritmos da manifestação da própria cultura negra brasileira, seguiam ativos, coexistindo e dialogando entre si. Por conta dessa variedade, a partir da década de 1980, o termo “funk” começou a ser usado genericamente para se referir aos gêneros musicais provenientes da black music dos Estados Unidos, como o latin freestyle, o Miami bass, o electro funk e o hip-hop. (COUTINHO, 2021, p. 19)

Os bailes começaram a ficar cada vez mais populares e se dividiram em duas possibilidades de rolês: os Bailes de Comunidade e os Bailes de Clube. A diferença era a proposta de cada um: Bailes de Comunidade eram realizados dentro dos bairros das periferias e o público frequentador era bem diverso, não apenas resumido aos moradores da região. Os Bailes de Clube eram realizados em locais fechados e se dividiam em: Bailes de Corredor e Bailes de Briga, a diferença entre os dois era a duração dos conflitos. Entre a programação do baile, um momento específico era o mais aguardado da noite. O público era dividido em Lado A e Lado B e durante um determinado tempo, estabelecido pelos organizadores, acontecia uma espécie de duelo entre os dois lados, com direito a trilha sonora do setlist do DJ. Existiam regras e os participantes eram obrigados a seguir um tempo estabelecido pela equipe. Inevitavelmente, acidentes viviam acontecendo e, em alguns casos, morte. Esses eventos renderam muito caldo para os meios de comunicação da época investirem em reportagens sobre o funk numa chave de problemático e violento, ajudando a criar uma imagem de seus frequentadores e do próprio ritmo. Além dos Bailes de Briga, outros

momentos marcaram a história da tensa relação da mídia com o funk, como o famoso episódio do Arrastão<sup>5</sup> nas praias do Arpoador, em 1992. Vale a pena resgatar também a personagem da novela América (2005), transmitida pela Rede Globo, Rayssa, uma jovem branca que é considerada rebelde e sobe o morro para frequentar bailes funks. De maneira sutil ou direta, uma imagem sobre o funk vai sendo construída no imaginário popular, permeada por preconceitos de classe e uma boa dose de racismo velado. Mas ao mesmo tempo que rolavam os Bailes de Briga, nasciam verdadeiras lendas da música brasileira em eventos chamados Festivais, onde rolava um concurso de melhores Raps. Interessante observar a fluidez com que o funk e o rap se envolvem enquanto evoluem como estilos musicais, coexistindo individualmente, com as mesmas referências e contribuindo como fonte de inspiração mútua. Nesses festivais, versos como o do Rap da Felicidade, de Cidinho e Doca, tem um refrão imortal e é entoado como um manifesto até os dias atuais:

*Eu só quero é ser feliz  
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar  
Fé em Deus, DJ!*

Outras músicas emblemáticas que surgiram nos Festivais foi o Rap do Silva, de Bob Rum, que narra com sensibilidade sobre diferentes nuances da violência que afetava moradores da favela e funkeiros:

*Era só mais um Silva que a estrela não brilha  
Ele era funkeiro, mas era pai de família.  
É só mais um Silva que a estrela não brilha  
Ele era funkeiro, mas era pai de família.*

---

<sup>5</sup> O Arrastão foi um evento marcante na história do funk porque trouxe o movimento funk e os jovens das periferias para o centro dos noticiários de todo o Brasil. Esse termo foi criado pelos jornais para narrar um episódio em que vários jovens funkeiros, habitantes das favelas do Rio, circulavam pelas praias da Zona Sul e, segundo jornais, estavam lá para saquear banhistas de classe média. Esse evento foi explicado depois, segundo Danilo Cymro. Sem dúvidas, essa forma de tratamento dos veículos de comunicação com o funk e seus consumidores revela um enorme abismo social brasileiro. A ideia que pairava no imaginário social era a de que aqueles jovens favelados, em sua maioria negros, representam um perigo e são proibidas de frequentar outros espaços da cidade.

Uma música que ganhou destaque nos Festivais, tão importante quanto as outras citadas acima, mas talvez não ganhe tanto reconhecimento, é o Rap da Benedita, cantado pela MC Dandara, uma das primeiras mulheres a ganhar destaque nesse momento do funk. Seu nome foi uma escolha política para homenagear uma importante personalidade negra da história do Brasil. Dandara dos Palmares foi uma sobrevivente da escravidão que lutou até o fim dos seus dias pela libertação do povo negro no Brasil. A protagonista da música é Benedita da Silva, uma das mulheres mais importantes da política brasileira, representante na luta pelos direitos da população negra brasileira.

É possível, por meio de uma resumida linha temporal do funk carioca, enxergar o legado histórico de como a música está substancialmente conectada com as formas de viver das pessoas que a fazem. Este cotidiano é atravessado constantemente pela violência provocada pelo racismo e a desigualdade social e econômica. A arte tem desempenhado um grande potencial como ferramenta de provocação, cantando sobre questões que o Brasil vivencia. É muito forte a representação que o funk possui quando lançamos o olhar sobre resgatar a dignidade e a autoestima de um povo escravizado e violentamente perseguido desde que o Brasil foi inventado. Então, trazer o funk para o centro das discussões acadêmicas e analisar seu conteúdo, como uma manifestação artística que contribuiu e segue contribuindo para inquietar inúmeros debates, torna-se mais do que necessário. Sobre o aspecto político e reflexivo do funk, a autora Tamiris Coutinho diz que:

Abordando sua realidade, os representantes do funk agem como formadores de opinião acerca do contexto no qual estão inseridos, afinal, através dos discursos, eles têm a capacidade de influenciar e até de modificar a opinião de outras pessoas. (COUTINHO, 2021, p.22)

Ainda aproveito a oportunidade para acrescentar sobre o lugar social com a reflexão de Iara Pires Viana no artigo “TERRITÓRIO FUNK E FEMINILIDADES: subjetividades construídas entre relações de poder, a rua e a violência”. A autora debate sobre o Funk Proibidão, um subgênero do funk que explora de forma explícita temas como a violência da vida do crime dentro das favelas, o chamado “poder paralelo”, o tráfico de drogas, bailes e, em alguns casos, o sexo/erotismo. É uma das vertentes mais polêmicas do funk brasileiro, motivo de diversas medidas administrativas que tentam, de certa forma, barrar o funk por conta do conteúdo das letras e o posicionamento de alguns artistas. No sentido da disputa por um lugar social comum, a autora reflete:

O funk proibidão representa a redenção de um lugar de fala que deveria permanecer no silêncio. Para esse diálogo, trago o filósofo Jacques Rancière, relendo Platão e Aristóteles, que vê na estética uma partilha do sensível, a qual faz ver —quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce (RANCIÈRE, 2005, p. 16). Representar, tornar visível a existência de um —comum, e da possibilidade de uma fala comum, assim, essa partilha determina quem participa na constituição do político e do social. Nesse aspecto, Muniz Sodré entende que o sujeito investido da fala comum —é socialmente visível e assim pode tomar parte no jogo político (SODRÉ, 2006, p. 129). (PIRES, 2016, p. 120)

A autora traz outros nomes de referência para acrescentar à sua reflexão sobre o lugar social do indivíduo e como isso traz a possibilidade dele se tornar sujeito e fazer parte do jogo político. Podemos traduzir essa citação como a possibilidade que o funk oferece das pessoas serem vistas - ou se sentir reconhecidas - socialmente. Tanto do ponto de vista dos artistas ou na identificação de quem consome, essas pessoas podem se tornar sujeitos dentro do jogo político e, a partir disso, saírem de uma espécie de anonimato social. A autora traz o Funk Proibidão como objeto central de referência, mas acredito que podemos estender essa perspectiva para os outros subgêneros do funk. Quando uma música de Funk Consciente traz uma letra que diz sobre a fé em uma possibilidade de melhora de vida é mais uma forma de reivindicar um lugar em uma sociedade que há séculos é conivente com o afunilamento de inúmeras vidas e as empurra para lugares marginalizados. Em entrevista para o podcast, Mano a Mano, nas palavras da socióloga brasileira, Sueli Carneiro: “para a lata de lixo da sociedade”. Acredito que um exemplo direto de potencial do funk é a trajetória política da vereadora Marielle Franco. Além de socióloga, ativista pelos direitos humanos e grande representante política brasileira, Marielle era mais uma funkeira. Por meio de entrevistas com seus familiares, suas manifestações públicas e sua própria carreira política, é notável o funk como grande contribuinte na construção de sua identidade como sujeito.

## 1. 2 - Sou Feio mas tô na moda!

A música da cantora Tati Quebra Barraco, *Sou feia mas tô na moda*, é inspiração para título de documentário que conta sobre o universo funk no início dos anos 2000. A cantora é uma figura emblemática por ser uma das primeiras mulheres a ganhar destaque no funk. O seu trabalho é combustível para este TCC debater sobre como a figura da mulher ganha outro lugar no funk com suas interpretações. A abertura do doc narra uma cena de um robô gigante com traços femininos e um aparelho de som acoplado que invade uma praia e ‘toca o terror’ na galera que está frequentando o lugar. Para a infelicidade de um casal que encena um encontro romântico, o robô acaba pisando em cima dos dois enquanto uma sequência de bases de funk tocam como trilha sonora. Essa abertura tem tudo a ver com o trabalho de Tati Quebra Barraco, que é um bom exemplo sobre o que é estar contra tudo o que é padrão na sociedade brasileira, visto que é uma mulher negra, fora dos padrões estéticos do corpo feminino e favelada. Com o sucesso do seu trabalho do funk, um ritmo que desperta tantas reações preconceituosas, por questões como as que já conversamos acima, realmente, ele invade as casas, rádios, programas de tv, novelas e os ouvidos de todo o Brasil. De acordo com os padrões estéticos brasileiros, Tati é feia, o funk é feio, mas ele tá na moda, para o desespero de alguns. A analogia do robô invasor do espaço de lazer daquelas pessoas é reveladora sobre esse aspecto do conflito social constante que nosso país vivencia. O funk chega e toca o terror na tranquila tarde praiana do casal de brancos. Vamos amadurecer essa discussão nas próximas linhas e discutir sobre o potencial do funk como um agente no empoderamento feminino. O que significa uma mulher cantar sobre o próprio desejo?

### **1.3 - My pussy mata rindo! Possibilidades de empoderamento feminino por meio do funk**

Um dos pontos que desperta um grande incômodo sobre o funk é a representação da figura da mulher em suas letras. O funk é machista, misógino, trata as mulheres como objeto e só as usa em função do próprio prazer, dizem por aí. Isso não é de todo em vão, como já mencionamos. Em outros tempos, no decorrer da década de 1990, quando o funk era receptivo apenas para produtores, DJ's e MC's homens, a grande maioria das músicas falava de uma perspectiva única sobre a mulher. Essa representação, em geral, era de uma mulher passiva à figura masculina e narrada por uma visão contaminada de um machismo e sexismo. Mas o funk feito por mulheres vingou, novas artistas começaram a se tornar protagonistas como funkeiras e transformaram esse cenário.

No capítulo anterior, falamos do potencial de transformação e contestação do funk como manifestação cultural e expressão artística. Adicionamos ao debate algumas questões sociais que, em uma complexa rede, atravessam o funk. De fato, esse ritmo pode ser muito misógino e machista, assim como outros tipos de violência para além do gênero. Mas me despertou a atenção como pesquisadora a presença das mulheres funkeiras nesse cenário culturalmente patriarcal e qual o impacto delas no funk. A geração de mulheres que compartilho o tempo presente convive com uma certa ousadia natural de jovens artistas que fazem o funk acontecer. Mas qual foi o caminho para chegarmos até a MC Rebecca cantando Cai de Boca no meu buetão? Quando o funk iniciou sua evolução musical, era evidente que era um ritmo masculinizado. Segundo Gabriela Cirqueira Milton e Karen Monteiro Aurelino Santos, “Nas primeiras canções dos chamados “*funks proibidos*”, o homem fala abertamente sobre a sua sexualidade e assume o controle sobre o seu próprio corpo e vontade, enquanto a mulher ocupa o papel de objeto sexual por meio de uma linguagem que faz uso de palavrões e erotismo exacerbado” (2020, p.7). É um pouco do que já elaboramos acima, a mulher tinha um papel de coadjuvante e era acionada apenas na função de objeto sexual a serviço de um outro masculino. Os anos que corriam da década de 1990 foram marcados também pelos Bailes, que descrevemos anteriormente como Bailes de Briga ou de Corredor, conhecidos pelos conflitos durante as apresentações musicais. Isso, de certa forma, limitava um pouco o rolê.

Já próximo do início dos anos 2000, o funk tomou outra proporção. Alguns artistas e composições ganhavam cada vez mais público e rompiam barreiras, caindo no repertório da classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro. DJ Marlboro se tornou DJ do programa Planeta

Xuxa, na Rede Globo, e o movimento começou a ganhar espaço em programas de TV, como o Caldeirão do Huck, Mulheres, É Show e outros. Paralelo à essa repercussão, algo de diferente desabrocha nos bastidores dos bailes funks: as mulheres, que costumavam estar em ocupações de dançarinas ou apenas nos bastidores, começaram também a cantar. E o impacto da participação das mulheres no funk foi tão importante que conduziu os novos caminhos que o ritmo tomara. Segundo Tamiris Coutinho, “Verônica Costa e Deize da Injeção” (conhecida também como Deize Tigrona), por exemplo, associam o fim dos bailes de corredor à crescente participação ativa das mulheres no movimento funk e à emergência do “funk sensual” . Destaco um trecho que a autora descreve o papel de Verônica, a Mãe Loira do Funk, como costuma ser mencionada.

Verônica Costa, a Mãe Loira, foi fundamental nesse processo. Uma das pioneiras no funk carioca, ela comandava, junto de seu marido na época, a Furacão 2000 e os Bailes de Galera promovidos pela equipe. Conhecida por ser a voz e o apoio da massa funkeira, ela enaltecia as funkeiras chamando-as de glamurosas, purpurinadas e poderosas. Essas denominações confrontavam outras como preparada, cachorra, tchutchuca e gatinha, que eram usadas sob a perspectiva dos homens e refletiam a visão machista da sociedade. (COUTINHO, p. 30-31, 2021)

A referência do trabalho de Tamiris Coutinho é fundamental para quem deseja se orientar na trajetória do funk feminino. A autora aponta que esse período é o momento inicial de uma linha de artistas que se desenrola em quatro gerações que representaram um ponto significativo na linha evolutiva do funk. Um dos nomes mais importantes desse momento foi Deize Tigrona, que diz ter “puxado as outras artistas”, como Tati Quebra Barraco, para o que ela denomina Funk Sensual. No documentário *Sou feia mas tô na moda*, enquanto caminha pelas vielas da Cidade de Deus, a cantora assume a responsabilidade de ter incentivado outras artistas a se lançarem no Funk Sensual e se considera pioneira nesse novo ritmo. Naquele momento, os Bailes de Briga eram as principais atrações do universo funk e a novidade que surge era “o funk onde todo mundo rebola a bunda”, segundo a descrição de Deize da Injeção. O Funk Sensual se tornaria o que conhecemos hoje como Funk Putaria, caracterizado por cantar explicitamente sobre sexo, relacionamentos e desejos que estão ligados ao prazer. Vale ressaltar que existiram outros estilos de composição cantadas pelas artistas do funk naquela época, como o Rap da Benedita, de MC Dandara, mencionado no primeiro momento deste trabalho. No entanto, foi por meio do Funk Sensual que as artistas tiveram reconhecimento no mercado da música e projetaram suas carreiras. Nessa primeira leva de importantes personagens e artistas, Tamiris Coutinho destaca os principais nomes como o de Verônica Costa, MC Cacau, MC Dandara e Deize Tigrona, denominando-as como “as minas

disposição”. Esses foram alguns dos nomes que tiveram uma ação mobilizadora sobre a presença de mais mulheres no funk como um movimento, como a própria Deize contou durante a entrevista. Se ela diz que chamou, teve quem ouviu.

A partir do começo dos anos 2000, a presença de mulheres no funk cresce progressivamente, agenciado por um crescente público consumidor e interesse do mercado. Chega o momento de nomes marcantes como Tati Quebra Barraco, Valesca Popozuda com a Gaiola das Popozudas, Vanessinha Pikachu e o grupo Juliana e as Fogosas. A segunda e primeira geração são divididas por uma linha um pouco difícil de estabelecer em relação ao conteúdo das letras, pois ambas estão conectadas pelo Funk Sensual. Mas nessa segunda geração, a putaria é predominante nas letras. A temática do sexo, acionado em diferentes contextos, diretamente ou em duplo sentido, sempre era colocada pela perspectiva feminina. Vamos a elas.

O álbum Boladona, da cantora Tati Quebra Barraco, lançado em 2004, foi um acontecimento na música brasileira. Ele foi produzido pelo conhecido DJ Marlboro e teve uma grande repercussão, já que abriga os hits que marcaram aquela geração como a faixa título “Boladona” e “Sou feia mas tô na moda”. Apesar desse aspecto do álbum, que tem grande responsabilidade por impulsionar a popularização do funk no Brasil, o que transborda para este trabalho é a expressão da sexualidade feminina de Tati Quebra Barraco. Ao longo do repertório da cantora, as músicas são entoadas a partir da perspectiva de uma mulher autônoma do próprio desejo sexual e blindada de julgamentos. Essa nova forma de cantar rompeu com um discurso único do funk até aquele momento, feito apenas do gozo masculino e para ele. É fácil localizar essa inversão do discurso na letra da música ‘Vou Botar Você na Pista’:

*Sai com um cara bonitinho, cheio de marra de safado  
ele malha todo dia e tem o corpo sarado  
foi caí na madrugada dizendo que tá cansado  
então deu uma da manhã e o cara deitou pro lado*

*Estou com raiva desse cara nem usei meus artificios  
vou botar você na pista e nunca mais saio contigo*

Ou o refrão de "Sou feia mas tô na moda", composição provocadora desde o título.

*Eu fiquei 3 meses sem quebrar o barraco,  
Sou feia, mas tô na moda,  
tô podendo pagar hotel pros homens  
isso é que é mais importante.  
Quebra meu meu barraco 4x*

Além de romperem com essa narrativa única dos discursos das músicas, o funk construía o aspecto lúdico da expressão da sexualidade feminina sem culpa. E aqui, cito o pesquisador de comunicação, GG Albuquerque, que referencia a autora de Usos do Erótico: O Erótico como Poder, Audre Lorde:

Para além da cama e do sexo, Audre Lorde entendia o erótico como uma energia criativa que foi demonizada e desvalorizada na cultura ocidental, servindo para submeter as mulheres ao sofrimento pela culpa da existência desse erotismo. Porém, destaca a escritora, ao ser liberado, o erótico corre como uma corrente elétrica que “flui e colore a vida com uma energia que eleva, sensibiliza e fortalece minhas experiências”. (ALBUQUERQUE, 2021)

Ao elucidar o aspecto da potência de vida que a expressão da sexualidade invoca na música, Albuquerque elabora o conceito de “poética da putaria” para descrever o trabalho de Tati e demais funkeiras do Funk Putaria - ou Sensual.

Enquanto movimento cultural, o funk empreendia coletivamente uma exploração poética das potências do erótico, do corpo, da dança e da festa, afirmando-as como forma de apropriações do mundo — como pode-se ouvir nas letras de Deize Tigrona, Valesca e a Gaiola das Popozudas, As Danadinhas, Mr. Catra, Os Hawaianos e outros. Uma das principais articuladoras dessa nova linguagem do gênero, Tati Quebra Barraco, por sua vez, desenvolveu uma poética da putaria na qual o sexo atravessa questões de gênero, classe e raça de forma interseccional. Nas músicas de *Boladona*, o sexo é constantemente retratado como afirmação da autonomia feminina e, ainda, um desafio, deboche e afronta ao domínio masculino — sobretudo ao branco playboy. (ALBUQUERQUE, 2021)

A poética da putaria é inverter o jogo com a linguagem, segundo GG Albuquerque. Tatiana Lourenço, da Cidade de Deus, faz isso se apropriando de estereótipos raciais e sexuais associados às mulheres negras e os incorpora no campo de batalha da língua, com ou sem o duplo sentido.

Quando Tatiana Lourenço — esta mulher negra, nascida e criada em favela, mãe solo aos 13 anos — inventa-se como Tati Quebra Barraco, tomando uma gíria de conotação sexual como seu sobrenome, ela se apropria estrategicamente da

objetificação e violências sexuais às quais os corpos negros foram submetidos e que serviram de ferro em brasa para a colonialidade demarcar a negritude. Pensando a bunda como elemento formador de linguagem, as poéticas da putaria são um meio de subverter a relação de dominação. De repente, a música que, num primeiro momento, soa como um convite ao prazer, torna-se um desafio insuspeito. Aquilo que serviu para estigmatizar é o mesmo canal de uma revolta inesperada. (ALBUQUERQUE, 2021)

Esse rompimento com uma perspectiva masculina e única nas músicas e as estratégias utilizadas para isso incorporam ao funk o potencial do empoderamento feminino. Segundo a autora e feminista Joice Berth, referenciada também por Coutinho, a definição do termo *empowerment*, cunhado pelo sociólogo Julian Rapport, em 1977, é definido como “o processo de ganhar liberdade e poder para fazer o que você quer ou controlar o que acontece com você”. Ainda segundo Berth, a palavra empoderamento, traduzida para o português, significa “dar poder ou capacitar”.

Empoderamento como teoria está estritamente ligado ao trabalho social de desenvolvimento estratégico e recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimados pelos sistemas de opressão, principalmente à libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação. (BERTH apud COUTINHO, 2019, p.30)

Coutinho tenta resumir em linhas simples dizendo que “o empoderamento feminino, portanto, baseia-se no fato de que a mulher deve assumir uma posição de poder sobre sua vida a fim de promover o fortalecimento do grupo social no qual está inserida”. De maneira direta, o Funk Putaria não canta apenas sobre sexo. Essas artistas estão falando de relações de poder que atravessam a história do Brasil e impactam diretamente no seu cotidiano. O machismo e seus agentes têm categorizado as mulheres como submissas, puras, discretas e adequadas ou não para o matrimônio. Sem carinho e sem massagem, o funk feminino chega para contrapor essa castração, não só sexual, mas nas outras nuances da vida. A voz dessas MC’s transmite uma mensagem que, nas palavras de Coutinho, “é capaz de promover o entendimento do empoderamento ao fazer circular entre as vielas das favelas debates que talvez não chegassem lá tão facilmente se não fosse através da voz, de incentivo e apoio das MC’s”. É válido citar aqui um trecho de uma entrevista de Valesca Popozuda, que descreve a relação que foi cultivando com o público feminino ao longo da carreira.

Comecei a cantar para elas e comecei a trazer esse público feminino junto para mim, e mostrar que a gente podia crescer, [...] muitas passavam por problemas. Quando eu chegava em uma comunidade, elas começaram a se identificar com as coisas e falavam assim: “toma essa carta aqui. Porque eu passei por um abuso, eu levava porrada do meu marido.” Recebi várias cartas. E foi assim. Quando eu fui

vendo aquilo eu falei, “nossa, eu sofria com aquilo mas não era só eu que sofria. As pessoas também sofrem.” E eu falei chega. Vamos lutar e vamos lutar juntas. E foi quando eu consegui trazer todas. É claro que a gente não vai conseguir agradar todo mundo, mas eu digo que hoje, graças a Deus, eu tenho 99% delas, ali comigo no palco gritando por igualdade, por liberdade e por ser respeitada. (COUTINHO, p.32, 2019)

Acredito que o Funk foi e tem sido um ponto de encontro nesse aspecto para o público feminino, e naquele momento especialmente a mulher favelada, na questão do despertar de um empoderamento. Mesmo que essas artistas não tivessem uma intenção de se colocarem como “feministas”, elas o fizeram com suas músicas. Pois elas rompem com efeitos da estrutura sexista e patriarcal que compartilhamos. A incrível autora e ativista feminista negra, bell hooks, em seu livro Teoria Feminista, Da Margem ao Centro, define a estrutura do sexismo:

Entre homens e mulheres, o sexismo se expressa na maior parte das vezes na forma da dominação masculina, que por sua vez, leva à discriminação, à exploração e à opressão. Entre as mulheres, os valores supremacistas masculinos se manifestam por meio de desconfiança, postura defensiva e atitude competitiva. É o sexismo que faz com que uma mulher, sem nenhum motivo, se sinta ameaçada por outra. (hooks, p.85, 2019)

Apesar disso, a música dessas funkeiras, principalmente a repercussão de Tati Quebra Barraco, foi desqualificada por personalidades consideradas relevantes política e socialmente, julgando-a como pornográfica e apenas reprodutora de um discurso machista, totalmente alheia às complexidades das relações da vida e das opressões. Vale ainda colocar nessa bagagem o julgamento comum entre a sociedade brasileira de que o funkeiro ou o funk não tem “educação”, “cultura” e é categorizado negativamente por “favelado”, como se esse indivíduo não tivesse a menor autonomia ou agência de pensamento crítico. Destaco também que a identidade de “funkeiro” praticamente inexistia entre o público dos bailes. Contudo, segundo o autor Danilo Cymrot, “a imprensa criou justamente uma identidade de grupo ao utilizar o termo “funkeiro” para se referir aos participantes do “arrastão” e a todo um segmento social (negro, pobre, suburbano) cujas práticas culturais quase sempre são tratadas com um “sotaque de racismo” e um alto grau de estranheza pelos jornalistas”. Não coincidentemente, temos aqui a atualização de práticas racistas que nos acompanham durante gerações no Brasil. Essa prática é a de categorizar pessoas negras como “irracionais”, já que esse foi um dos argumentos do racismo científico que legitimava a escravidão dos povos africanos. A nossa incrível intelectual, Lélia González, em seu texto Racismo e Sexismo na

Cultura Brasileira, tem uma passagem valiosa sobre o lugar social do negro brasileiro que gostaria de destacar:

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois 226 não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzales, 1979b), pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (GONZALES, p. 225 - 226, 1984)

Esse contexto de uma crescente presença de mulheres cantando sobre sexo no funk fez surgir o debate sobre uma nova onda feminista no Brasil. Em 2004, esse papo esquentou quando Tati foi convidada a representar o Brasil em uma apresentação no Festival alemão, Ladyfest, em Stuttgart, viagem patrocinada pelo Ministério da Cultura, encarregado do mestre Gilberto Gil. De fato, as artistas não se lançaram cantando Funk Sensual porque eram necessariamente militantes feministas. No início, a maioria recusava a associação de suas imagens a esse termo e tentaram se afastar, como a própria Tati Quebra Barraco, que não se considerava feminista, apenas defendia que a sua postura era a de uma mulher de atitude que se manifestava e revidava sobre o que podia humilhá-la. No entanto, com o decorrer dos anos, essas cantoras começaram a se posicionar mais assertivamente e se colocar como feministas, quando passaram a compreender melhor o tema. Choveu acusações de que a música de Tati era desqualificada para ser representante do Brasil e a secretária especial de políticas para mulheres, Rose Marie Muraro, disse que “Tati é um objeto sexual e não um agente de mudanças (...) o comportamento sexual foi pauta em 1970, isso é ultrapassado”. Uma matéria do veículo IstoÉ achou “difícil entender o que versos como ‘69, frango assado, de ladinho a gente gosta’, tem a ver com a luta pelos direitos civis e políticos da mulher, como o dicionário define o ‘feminismo’”. Ora, todas as tentativas de deslegitimar o lugar dessas mulheres me cheira a um combo de racismo e sexismo que tanto temos observado. O buraco é mais embaixo e vamos à bell hooks novamente.

Se é o sexismo que ensina as mulheres a se comportarem como mero objetos sexuais para os homens, também é ele que se faz presente quando as mulheres que repudiam esse papel torcem o nariz com desdém e ar de superioridade para as outras mulheres que não partilham desse repúdio. [...] É um indicativo de que a ideologia sexista foi aceita quando uma mulher ensina ao filho que só existem dois tipos

possíveis de comportamento padrão: o dominante e o submisso. O sexismo ensina as mulheres a odiarem e, consciente e inconscientemente, somos guiadas por esse ódio em nosso contato diário umas com as outras. (hooks, p.85,2019)

O que há de mais transgressor para o movimento feminista do que uma artista negra brasileira cantar sobre seus desejos depois de ter suas ancestrais torturadas e estupradas há mais de 400 anos? E, ainda, terem seus esforços por emancipação sufocados e excluídos de movimentos feministas totalmente embranquecidos no Brasil, assim como em outros lugares como na América do Norte e países da Europa. Essa fala me recorda a observação de hooks acerca da ideia de “opressão comum”, divulgada por grupos feministas de mulheres brancas, tanto liberais quanto radicais. Segundo hooks, “a ideia de “opressão comum” foi uma plataforma falsa e desonesta que ofuscou e mistificou a verdadeira natureza - completamente multiforme - da realidade social da mulher”. Para dizer em linhas gerais, as mulheres não são um grupo homogêneo unidas pela vitimização e com um inimigo em comum. A autora ainda enfatiza que as mulheres só conseguirão construir vínculos sólidos quando lidarmos com a responsabilidade de nossas atitudes sexistas, racistas e privilegiadas em relação às outras. Quem tem muito a dizer sobre isso também é Lélia González, que traz valiosas reflexões sobre as mulheres negras brasileiras.

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país). (GONZALEZ, p. 231, 1984)

Empoderadas para alguns, desqualificadas para outros. O interessante é que esse impacto influenciou outras mulheres e o número de MC's do funk que surgiram a partir do início dos anos 2000 continuou crescendo e ousando. A próxima e terceira geração são artistas que ganharam visibilidade entre o ano de 2010 e 2019, recorte temporal feito pela autora Tamiris Coutinho. Alguns nomes de destaque são o Bonde das Maravilhas, MC Beyoncé ou Ludmilla, MC Anitta ou apenas Anitta, MC Rebecca, MC Pocahontas ou Pocah e MC Carol de Niterói.

Alguns momentos marcantes para lembrar. A música Show das Poderosas, de MC Anitta ou apenas Anitta, fez grande sucesso no ano de 2013 e foi o pontapé na sua carreira de

estrela da música brasileira com coreografias e refrões marcantes. A MC Beyoncé marca uma geração que viveu a época dos bondes com a música Fala Mal de Mim e o refrão “Não olha pro lado, quem tá passando é o bonde. Se ficar de caozada, a porrada come!”. Em uma sequência de sucessos, já considerados clássicos a essa altura, MC Carol de Niterói lançava Meu Namorado é Mó Otário, uma artista muito interessante que continua usando e abusando da poética da putaria até os dias atuais. Apesar de terem conquistado uma visibilidade aproximadamente no mesmo tempo, são artistas diferentes e com propostas também distintas, que vão se desenrolando ao longo da carreira da cada uma com o decorrer do tempo.

O conteúdo das letras das artistas e a forma como se colocam como figuras públicas já apresentam uma mudança das últimas duas gerações e o funk se aproxima cada vez mais do Funk Melody e Pop, ora com letras mais quentes, ora mais light. Mas é nítido o posicionamento das funkeiras na afirmação do seu lugar como seres sexuais, colocando seu direito à expressão da sexualidade e um discurso que cobrava respeito a seus corpos. Entre uma ousadia e outra, começam a surgir outras possibilidades narrativas. Para além do Funk Putaria, as músicas abraçam diferentes esferas da vida cotidiana e o que parece permanecer é a voz feminina se afirmando pelos espaços. Dentro do intervalo de tempo de quase uma década, as funkeiras e seus trabalhos vão ganhando novas camadas e nota-se um amadurecimento na postura das funkeiras e conseqüentemente de suas músicas. As letras têm ampliado possibilidades para elaboração do que chamamos acima de empoderamento feminino.

Gabriela Cirqueira e Karen Monteiro dizem que “algumas músicas de cantoras cariocas como Tati Quebra Barraco e Valesca Popozuda associam diretamente o poder feminino à independência sexual e, em alguns casos, à própria anatomia sexual da mulher”. No início da construção de um funk feminino, o aspecto empoderador parecia sempre passar pela Putaria e o sexo como campo de disputa pela demarcação de um lugar da mulher independente na relação binária entre homem e mulher. A figura masculina permanecia sempre ali e, de repente, talvez “ele” tem se aproximado cada vez mais do lugar de coadjuvante.

A construção dessa consciência resulta em uma autoconfiança que vai impactar completamente nas novas artistas do funk em uma quarta e mais recente geração, nomeada como o bonde das faixa rosa<sup>6</sup>, gíria utilizada no universo funk e também do rap para se referir a mulheres independentes. Nesse momento, a partir do ano de 2019, nomes como o de MC

---

<sup>6</sup> É comum se deparar com o termo “faixa preta” em alguns versos de MC’s homens do rap, trap e funk, então, acredito que o contraponto com a versão ‘rosa’, associado ao feminino, possa ter sido inspirado nessa relação.

Dricka, MC Bianca, MC Ingryd, Mila, Baby Perigosa e MC Nick aparecem na cena. Essa geração tem se apresentado como artistas com uma fluida autonomia, diversidade sexual e uma celebração da cultura funk, que despertou minha admiração e curiosidade. Se no começo dos anos 2000, as possibilidades de narrar experiências femininas acabavam sempre perpassando pelo Funk Putaria, o tempo tem provado que o funk feminino alcançou um lugar aberto a experimentar outras narrativas e estilos de composição. O bonde das faixa rosa tem se apresentado, no geral, como mulheres independentes financeiramente, afetivamente, sexualmente e deixando cada vez mais de lado a figura masculina, ou seguem jogando com essa relação, como tem feito desde o início. Ou seja, novas possibilidades de empoderamento feminino acabam sendo inspiradas por essas artistas. Uma das grandes revelações da música durante a pandemia do vírus da covid-19, a MC Dricka, despontou com o Funk Putaria, com letras bastante explícitas. A cantora, conhecida como Rainha dos Fluxos, tem desempenhando um papel interessante nesse cenário, considerando sua trajetória, a sua imagem como artista funkeira fora dos padrões estéticos e sendo abertamente uma mulher lésbica. Vamos à ela.

*E nós tem um charme que é dahora, dahora*

*Um sorriso que é de impressionar*

*E nós desenrola nas palavra, não leva desaforo pra casa*

*Eu que posso me bancar*

*Ó, de nave nós tamo a milhão*

*No baile chamando atenção*

*E as recalcada me odeia, nós é porte de sereia*

*Desejo dos vilão, ão, ão, ão*

*É nós tem um charme que é dahora*

Em outras de suas músicas, quando faz o uso da Putaria, o sexo e a figura masculina são invocados com uma variação dos tons de deboche, sedução e autonomia do seu desejo.

*Ele terminou comigo, chorar pra que se tô perdendo?*

*Basta eu te esquecer das coisas de momento*

*Ele terminou comigo, chorar pra que se tô perdendo?*

*Basta eu te esquecer das coisas de momento*

*Com o Mateus, meu gadinho de faz tempo*

*Com o Luan, meu gadinho de faz tempo*

*O Biel Beats, meu gadinho de faz tempo*

*Sofrer é coisa de momento, coisa de momento*

*Não dá pra lembrar de ex quando eu tô fudendo*

*Sofrer é coisa de momento, coisa de momento*

*Não dá pra lembrar de ex quando eu tô fudendo*

Suas músicas e sua postura como artista são sintomas diretos dessa geração do funk feminino que colhe frutos do processo de amadurecimento do ritmo musical. A cantora Baby Perigosa, dona da voz melódica do funk 150bpm, fez sucesso aos 20 anos com a música ‘Grelinho de Diamante’, lançada em 2019, em parceria com o grupo Heavy Baile. Em uma entrevista para o portal UOL, Baby Perigosa conta que cantar Funk Putaria passa por um gosto pessoal por ser o que mais a influenciou e ainda segue influenciando, mas que acredita no potencial da putaria como algo libertador para as mulheres.

Eu acho que, para mim, é um empoderamento diário. Porque eu estou cantando sobre o meu prazer, sobre o meu corpo, e são temas muito importantes para mim, por ser mulher. É sempre um pouco assustador ver uma mulher cantando sobre essas coisas. E eu acho que isso é mais que necessário, acho que o funk precisa disso, precisa de mulheres cantando sobre o próprio prazer. Existem mulheres que ainda não descobriram o próprio corpo, não descobriram que o corpo é uma bomba de prazer, uma bomba sexual. E eu quero passar isso nas minhas músicas, essa mensagem.... (BABY PERIGOSA, 2020.)

Esses novos ares também marcaram as gerações anteriores do funk feminino, como MC Carol, Deize Tigrona e Valesca Popozuda. Deize Tigrona voou alto com o sucesso de Injeção, sua música mais conhecida que foi sampleada pelo DJ gringo Diplo no álbum da rapper M.I.A, em 2005. No entanto, há rumores de que essa relação com Diplo e M.I.A resultou em um caso de plágio. Rolou também a oportunidade de realizar uma turnê na Europa em 2008 e, quando voltou, Deize se sentiu mal, descobriu o diagnóstico de depressão e se afastou da carreira musical. Há alguns anos, Deize retomou os trabalhos como artista e voltou a fazer alguns shows. Em 2019, a cantora assinou com o selo da Batekoo Records e

lançou o álbum, ‘Fui Eu Que Fiz’ (2022), com um repertório de músicas que explora profundamente as possibilidades de influências musicais que o funk abraça. A cantora continua utilizando a Putaria como caminho com muita elegância e autoconfiança de quem foi pioneira de tudo lá atrás. Logo na primeira música do álbum, “Sururu das Meninas”, lançada no dia 23 de setembro, Dia da Visibilidade Bissexual, a letra narra sobre um flerte e a pulsão sexual dentro do universo LGBTQIA+, focado na plural experiência feminina.

*Eu vou ativar minha locação no Tinder*

*Quero uma noite casual*

*Eu vou dar match nessa mina de biquíni*

*Se pá vou ver qual é ou tchau*

*Ela é chave, já pedindo foto minha*

*Perguntando se eu sou casal*

*Eu falei que tenho só umas amigas*

*Que adoram um sururu legal*

*A Janaina, língua quente*

*Aquela é porra louca*

*Gostosa pra caralho*

*Eu adoro aquela boca*

*E tem a Rafaela*

*Que te come com gosto*

*Ela nunca me deu trela*

*Mas hoje ela tá pra jogo*

*Lembrei da Josiane*

*Cuceta flamejante*

*Mulher de pau tá tendo*

*Sapatrans também é meu lance**Suruba das menina**Macho tem medo**Dedo no cu e gritaria**É chupação de grelo*

A cantora Ludmilla, antes MC Beyoncé, construiu uma carreira experimentando outros ritmos em paralelo com o funk, como o pagode, R&B, reggaeton e tem se lançado mais próxima do Funk Melody e Pop. Apesar disso, é reconhecido o esforço da cantora de não se afastar das raízes funkeiras, incorporando sempre esse arquétipo à sua imagem. Atualmente, Ludmilla dispõe de uma representatividade gigante pela forma como tem se colocado como artista, assumindo posições políticas em defesa dos direitos da comunidade LGBTQIA+, valorizando sua identidade como mulher negra, bissexual, suburbana e em defesa dos direitos das mulheres. A cantora tem abraçado essa expectativa em seu trabalho e isso fica nítido no videoclipe da música “Rainha da Favela”, em que ela convida para compartilhar uma ceia disposta em uma mesa longa, lendas do funk brasileiro como Valesca Popozuda, MC Carol, Tati Quebra Barraco e MC Kátia, que foram citadas por aqui também. Se fizermos um breve esforço, lembramos de uma cena muito parecida que narrei logo de início no capítulo de Introdução, em que ela convida artistas negras da música brasileira para se sentarem em uma longa mesa disposta como se fosse uma ceia.

Acredito que a construção dessa consciência, que resulta em uma autoconfiança, diz muito sobre as mudanças sociais que o Brasil vivencia ao longo dos anos e que a música tem narrado e ajudado a escrever historicamente em suas transformações internas. O funk tem caminhado no mesmo passo e criado sintomas disso no formato de subgêneros da música, como o Funk Ostentação, Consciente, Proibidão, Trap Funk etc. Desde a metade dos anos 2000, debates sobre pautas sociais como feminismo têm se expandido, tanto em questão de público quanto de profundidade. Podemos atribuir um grande papel nesse processo à internet, que tem a possibilidade de ampliar o acesso a conteúdos de informação e debates, mas também e principalmente à atuação de grupos politicamente organizados e à ascensão de um projeto de governo com pautas progressistas e de valorização da cultura. Todo esse

movimento deixa o ar do Brasil mais respirável e podemos nos permitir vibrar com alguns avanços.

## 2 - Reflexões sobre o podcast e o jornalismo cultural

Para finalizar nossa discussão teórica, é necessário trazer uma definição para o formato escolhido que materializa todas as reflexões que eu trouxe nos momentos anteriores deste trabalho. Em uma breve discussão, veremos que o podcast causa divergências entre autores e pesquisadores do meio, que tentam identificar sua natureza em convergência com o formato do rádio. Para nos ajudar a refletir sobre esse formato de comunicação digital que tem conquistado um público cada vez maior, vamos ao autor Marcelo Kischinhevsky, que trabalha com a definição de ‘rádio expandido’.

O rádio tem atravessado os anos com diversas turbulências que ameaçavam sua extinção. Desde o século XX, ele tem se adaptado e se transformado, com a chegada da televisão, a internet e as novas tecnologias. Ao contrário da expectativa de muitos que previam o adeus ao rádio, ele tem se reinventado e conquistado espaços surpreendentes. Segundo Kischinhevsky, esse é o ‘rádio expandido’, que transbordou para as mídias sociais, TV por assinatura e para plataformas de streaming. Estamos na era da convergência digital.

O rádio, que sempre foi o patinho feio e exerceu papel de coadjuvante entre os veículos de comunicação, renasceu porque se misturou à rede mundial de computadores e ao celular; se reencontrou porque seu alcance vai muito além das ondas hertzianas. Com um celular, é possível sintonizar uma emissora e, atualmente, cada brasileiro tem um aparelho. (KISCHINHEVSK, apud, MUSTAFA, p. 218, 2017)

O conceito de estarmos inseridos em uma era da convergência digital diz sobre uma nova fase para o rádio, em que ele parece oferecer um leque de novas possibilidades inspiradas em seu formato original. Para Kischinhevsky, essa é uma fase de “multiplicidade da oferta. Os movimentos são aparentemente contraditórios, mas fazem parte de um claro processo de reordenação empresarial e de transição rumo a suportes digitais”. Isso significa que, com a velocidade que a informação corre nos dias atuais, é necessário que o autor, coordenador de uma rádio e comunicador devem estar sempre atentos às redes sociais e interagindo com o público. Seguindo as características do rádio expandido, ele transborda para outras plataformas como o Twitter, Facebook, Blogs, Instagram e rádios online.

Com a expansão da internet, multiplicaram-se rapidamente as emissoras on-line. Nesse novo tempo, o conteúdo em áudio pode ser gravado e compartilhado com mais rapidez. Os empresários e comunicadores atentos às novas tecnologias podem oferecer diariamente podcastings por meio de sites e redes sociais para serem

ouvidos sob demanda, na hora desejada e no meio mais acessível: celular, notebook, computador, televisão etc. ((KISCHINHEVSK, apud, MUSTAFA, p. 219, 2017)

A autora Luana Viana e Silva, em sua tese de doutorado, *Jornalismo narrativo em podcasting: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral*, traz contribuições incríveis sobre o formato do podcast e que acredito estarem alinhadas com a proposta deste trabalho. A autora também se apoia nos conceitos de Kischinhevsky de rádio expandido e destaca o conflito entre pesquisadores do tema.

Caracterizado por ser consumido sob demanda, e por descentralizar a produção de conteúdos permitindo que qualquer usuário possa disponibilizar sua criação na rede, esse formato é atualmente marcado por sua essência sonora, mas já fez pesquisadoras questionarem suas raízes radiofônicas e até sobre seu conteúdo basilar quando surgiu. (VIANA E SILVA, p.97, 2020)

Com uma ausência de uma definição sobre o esse novo formato, os pesquisadores da área de rádio e mídia sonora buscam, ao longo dos anos, caracterizar essa mídia com base em suas peculiaridades. A autora define três: audiência, produção e transmissão. Sobre o tópico da audiência, a autora nomeia o consumidor do podcast como ouvinte-internauta, considerando que produções como o podcast, ainda que seja multimídia, tem o áudio como formato principal, que conduz a narrativa e se utiliza da linguagem radiofônica para transmissão da informação. A autonomia proporcionada ao público é uma das características principais do podcast, podendo ser baixado e ouvido a qualquer momento e em diferentes velocidades. Essa mesma autonomia de audiência está presente na forma de produção dos podcasts. A linguagem do podcast permite maior experimentação e liberdade de criação, apesar dos criadores ainda utilizarem ferramentas da linguagem do rádio em suas produções. E sobre a transmissão, o podcast rompe com um formato de ‘tempo real’, característico do rádio. O caráter automatizado de transmissão está presente na discussão de inúmeros autores que pesquisam o tema e, para muitos, é o que define ou não se aquele formato é podcast.

Vale a pena acrescentar à discussão sobre podcast, algumas contribuições do autor Luís Gustavo Nunes Silva Rocha, que utiliza esse formato como objeto de estudo em sua tese de mestrado, *Jornalismo, podcast e música, Alternativas para construção de discursos musicais em empresas de mídia*. O autor destaca pesquisas e seus resultados com ênfase em alguns conceitos como o de “mídia de nicho”. O podcast é um formato que se caracteriza primordialmente pelo aspecto de atender a um público específico e sob demanda.

Visto que a proposta deste trabalho fala sobre funk, acredito que existem convergências entre essas peculiaridades destacados e a produção deste ritmo. Ambos ganharam fôlego com a internet e conseguiram alcançar um público cada vez maior, com quem cultivava uma relação íntima e convidativa em suas produções. Falando em produção, a experimentação e a liberdade de criação estão costuradas à essência do funk e é o que dá a ele sustentação para se reinventar com o decorrer do tempo e permanecer entre os ritmos mais populares do Brasil, mesmo com as oscilações do mercado da música. O formato de podcast oferece ao comunicador a possibilidade de conseguir estabelecer diferentes conexões entre o tema, público e linguagem sonora, trazendo o frescor da experimentação.

À medida que se percebe a proporção que o podcast tem tomado na vida cotidiana de um público ouvinte, vale a pena refletir um pouco sobre como o jornalismo pode usufruir de novos formatos para contar histórias. Afinal, este trabalho contou com todo o processo jornalístico de pesquisa, apuração, redação, entrevista, antes do primeiro roteiro ganhar vida e ser gravado em um estúdio. Luís Gustavo Nunes tem uma contribuição muito interessante sobre o tema, com o objetivo de identificar como o jornalismo musical pode utilizar o podcast para contar histórias de formas diferentes, que é exatamente a proposta do *Desembaça*.

O autor elabora sobre como a internet impactou no consumo de informação e, com isso, notícias sobre cultura. Ele denomina esse novo ambiente como ‘ciberespaço’. Assim como os demais autores trabalhados no momento anterior, o jornalismo teve que acompanhar as evoluções tecnológicas que impactaram diretamente o consumo e a transmissão de informação.

O público consumidor de informação via internet passa a interagir com o emissor de informação com cada vez maior facilidade, graças ao ciberespaço. Esse terreno fértil fez surgir ao longo dos últimos 20 anos diversas maneiras de produção jornalística. Blogs, videoblogs, rádios on-line e podcasts são progressivamente acessados e, conseqüentemente, propagam-se cada vez mais notícias. (SILVA ROCHA, p. 8, 2019)

Com essa perspectiva em foco, vamos listar algumas características do jornalismo cultural evidenciadas pelo autor. Primeiro, segundo Silva e Rocha, é comum notar a tentativa dessa área de criar um equilíbrio entre os temas artísticos como música, teatro, cinema, design e etc, com o intuito de gerar um dinamismo. O jornalista que trabalha com cultura precisa ter um embasamento, nem sempre aprofundado, sobre um pouco de cada. Na maioria das vezes, esses temas não carregam a urgência quase natural de outros editoriais do jornalismo como política, esporte, por exemplo. Alguns pontos que podem influenciar a

prioridade entre essas possibilidades artísticas é a movimentação econômica e a importância que aquele assunto pode ter em determinados locais. Sem essa urgência e com uma possibilidade de tempo maior na produção de reportagens, a cultura é um terreno que se adapta bem às formas de consumo de informação por demanda que tem surgido no ciberespaço.

Essas novas plataformas de acesso à informação e à produção musical foram surgindo e o jornalismo cultural se apropriou dessas novas ferramentas. O autor resume esse processo no trecho a seguir:

A combinação entre cultura de nicho emergente, juntamente com a proliferação de plataformas jornalísticas multifuncionais, onde se encontram profissionais com vontade de contar histórias de maneiras inovadoras, abre um campo fértil para a cultura do podcasting, como se pode ver nas primeiras décadas do século XXI. O jornalismo cultural encontra-se em uma área peculiar dentro do jornalismo, onde há um espaço de confluência entre repórteres, especialistas e intelectuais, tornando-se, por isso, distinto de outras formas tradicionais de produção jornalística. (SILVA ROCHA, p. 18. 2019)

A música e o jornalismo são elementos poderosos para ajudar a narrar histórias. Por fim, acredito que o jornalismo cultural e o podcast têm desempenhado uma parceria interessante nesse contexto de evoluções constantes na forma de fazer música e produzir jornalismo.

## **DIÁRIO DE PRODUÇÃO - Trabalho lindo, bb**

### **3.1 Partimos daqui: O processo criativo**

A ideia do projeto de falar sobre funk e dar destaque para o papel feminino na cena veio desde a finalização da pesquisa em Iniciação Científica, de início em 2019 e encerramento em 2021. Nesse trabalho, eu falei sobre cinema, rap e funk, a santíssima trindade dos meus sentidos. Tudo que eu mais ouvia, assistia, falava girava em torno desses três tópicos e ainda permaneço um pouco assim. Mas eu sentia falta da presença de algo que me tocasse mais intimamente. A pesquisa é um produto do autor e a minha vontade era extrair mais ainda da minha identidade. O funk feminino surgiu como possibilidade de tema a partir daí e da minha observação interpretativa dos discursos das músicas e postura das artistas como figuras públicas. Notei que ao longo dos anos, as letras e as funkeiras mudavam em certa medida e se tornavam cada vez mais autônomas, transmitindo um sentimento de liberdade ao público ouvinte feminino. Muitas dessas artistas eram adeptas da vertente Funk Putaria, mas em mm eio às letras de sexo e prazer, surgiam outras possibilidades de abordar a autosuficiência da mulher. As artistas Ludmilla e MC Dricka foram marcantes na linha evolutiva do funk pela exposição da sua sexualidade no trabalho e na vida pública, algo que me tocou como mulher bissexual. Não quero limitar a influência de seus trabalhos para além dessa questão, mas enfatizá-la. Essa postura de ambas aproximou o funk mais ainda de um público feminino e LGBTQIA+, processo que me fez chegar até a palavra “empoderamento”. O termo se tornou bastante comum no debate público sobre feminismo e sinto que ele vem ficando cada vez mais nebuloso no circuito da comunicação, creio que por questões relacionadas a um movimento feminista brasileiro embranquecido em suas demandas. Essa problemática me transferiu um receio do tema mas, ao mesmo tempo, uma curiosidade.

A escolha do formato foi fácil. Eu já tinha bastante afinidade com a linguagem sonora por conta de um projeto de podcast que debate sobre música, em conjunto com outros colegas da faculdade, o #Descubra, disponível para ouvir em plataformas de áudio. Esse programa conseguiu me dar a oportunidade de estabelecer o primeiro vínculo com algo que amo fazer, o jornalismo musical. Além disso, tive contato profundo com o rádio quando fui bolsista da Rádio UFOP e consegui desenvolver ainda mais uma intimidade com a linguagem sonora e o jornalismo. O curioso é que não consigo imaginar falar sobre esse tema, que invoca tanta liberdade, diversão e prazer, sem utilizar os recursos do áudio. Faz parte da minha proposta criar uma ambientação para o ouvinte e tentar transmitir o afeto, a admiração e a curiosidade

que tenho pelo funk. Além disso, parte da minha teoria sobre o efeito das possibilidades do empoderamento feminino passa pela audição das músicas; então, fazia mais sentido ainda tentar invocar esse sentimento por meio do áudio.

### 3.2 O corre das entrevistas e personagens

As entrevistas entram no podcast como uma forma de apoiar as informações e referências da pesquisa. As fontes contribuem durante as reflexões feitas ao longo dos episódios, no ritmo da narrativa e, principalmente, como referências no tema. Para além das entrevistas realizadas por mim via Google Meet, eventualmente, surge o recurso sonoro de entrevistas de outros veículos de comunicação, como é o caso do documentário ‘Sou Feia Mas Tô Na Moda’. Acho interessante utilizar esses materiais que foram referências de pesquisa e inspirações para o meu trabalho e não me limitar apenas às conversas que tive a oportunidade de realizar.

Os convidados que entrevistei foram Tamiris Coutinho, GG Albuquerque e Danilo Cymrot. O primeiro nome era inevitável, já que é a grande referência para minha pesquisa. Tamiris Coutinho é autora do livro *Cai de Boca no meu Buc3t@0*, empoderamento feminino por meio do funk. A obra, fruto do seu TCC, é uma contribuição gigantesca para a música popular brasileira e o funk. Ela elabora os principais nomes do funk feminino brasileiro e os divide em gerações, destacando o fator de amadurecimento das artistas, do funk, ao fazer análises musicais pontuando formas de empoderamento feminino. Esse aspecto do amadurecimento é muito valioso neste trabalho, pois dá a oportunidade para que eu converse sobre ‘possibilidades’ de empoderamento feminino por meio do funk, termo que converge com o objetivo da minha pesquisa.

A primeira conversa foi, então, ansiosamente aguardada. Tamiris colocou-se disponível facilmente e a entrevista percorreu pontos do empoderamento feminino, do funk e sobre o cenário da música brasileira. O papo aconteceu via Meet, no dia 20 de janeiro de 2023 e durou 1 hora e 4 minutos. Falamos também sobre a repercussão que o seu livro recebeu por meio de um post de divulgação que ela mesma fez nas redes sociais. Na época, grupos da internet formados por cidadãos conservadores, inclusive alguns políticos e outras personalidades com certa relevância, bombardearam os perfis online de Tamiris com muitas críticas, ameaças e xingamentos. O livro *Cai de Boca* foi citado por personagens norteadores da desinformação como Olavo de Carvalho, o filho do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro, e o ex presidente da Fundação Palmares, Sergio Camargo. A Universidade Federal do Rio de Janeiro teve que se pronunciar em defesa do trabalho e em repúdio às ameaças. Essa reação explosiva viralizou o trabalho de Tamiris ainda mais e, para infelicidade desses grupos, fez o livro atingir um público muito maior do que a autora esperava, fazendo-o inclusive chegar até a funkeira Rebecca, intérprete da música título do trabalho. A situação amenizou após uma

semana, tempo suficiente para as pessoas na rede se esquecerem um pouco de algo e pular para outro tópico de discussão. Por fim, tivemos um papo divertido e super interessante. Percebi que eu e Tamiris compartilhamos de uma admiração e profundo interesse sobre o funk, consegui me identificar muito com a personalidade dela e de seu trabalho. Tamiris trabalha em uma empresa que agencia alguns artistas, mas não como empresária. Participa de diversas ações coletivas vinculadas ao funk, como a Frente Nacional de Mulheres no Funk, e continua a investigar música no mestrado, mas com o olhar para o trap e o funk.

O segundo nome é o jornalista e pesquisador de música, GG Albuquerque, conhecido também por ser produtor de conteúdo sobre música na internet. Eu conheci seu trabalho por meio de amigos e comecei a acompanhar as postagens de uma de suas páginas no Instagram, O Volume Morto. O contato também foi bem tranquilo e fiquei extremamente feliz em ser correspondida por uma pessoa que admiro tanto. Eu estava muito preocupada com a possibilidade de não conseguir reunir um número interessante de fontes para o meu trabalho e me surpreendia que alguém respondesse com disponibilidade. Essa insegurança vibrou ainda mais quando GG me deu um bolo na primeira tentativa que marcamos de conversar. Felizmente, ele não me esqueceu uma segunda vez! Nossa entrevista aconteceu também pelo Google Meet, dia 22 de janeiro de 2023 e durou cerca de 45 minutos. Tivemos uma conversa muito legal e ao mesmo tempo desafiadora. GG respondeu às minhas perguntas com uma perspectiva aprofundada do assunto e totalmente diferente da que eu abordei. Eu mal conseguia acompanhar a sensação de que a abordagem dos meus questionamentos se tornava ultrapassada frente à sua visão sobre criações musicais periféricas. Esse fator surpresa me tirou um pouco o jogo de cintura mas prossegui com meu roteiro. Saí um pouco confusa e triste da entrevista. Meses depois, quando ouvi novamente a conversa na altura da montagem e edição, senti um grande impacto na minha percepção sobre o assunto. Consegui compreender melhor as respostas, aprendi bastante e notei o quão valioso era aquele conteúdo.

O terceiro e último entrevistado foi o autor do livro *O Funk na Batida*, Danilo Cymrot. O nome e a referência bibliográfica surgiram por meio do meu orientador, Cláudio Coração, para preencher alguns aspectos sobre a história do funk e as disputas no espaço legislativo envolvendo o ritmo. Danilo Cymrot não é da Comunicação, diferentemente dos outros convidados. O autor é Mestre em Direito e Doutor em Direito Penal e teve o funk como objeto de estudo durante a trajetória acadêmica sob uma perspectiva da criminalização do ritmo e suas manifestações. Entrei em contato por e-mail, ele se mostrou receptivo e marcamos a entrevista. Danilo tem um trabalho de fôlego sobre a trajetória política do funk

no legislativo e debate questões como a criminalização do funk, o funk proibidão e sua ligação com facções criminosas, a popularização dos bailes de corredor e inúmeros outros temas interessantes sobre a história do funk e do Brasil. É bonito que ele dedica esse trabalho à Marielle Franco e, quando questionei sobre a escolha, ele disse que foi a primeira pessoa que veio a sua mente e a única que fazia sentido ser homenageada ali. Em vida, Marielle teve uma representação política muito significativa para os funkeiros e participou de ações para viabilizar a existência da cultura funk e seus produtores. O papo girou em torno de questões que ele levanta em seu livro e aconteceu via Meet, dia 1º de março de 2023, com um saldo de 51 minutos e 30 segundos de conversa. Por meio desse material eu reconheci a complexidade política do funk como manifestação cultural. Eu sempre acreditei que a perseguição moral contra o funk necessariamente partia de políticos conservadores, mas essa não é a regra. Esse fator me surpreendeu e me deu mais uma camada da complexidade do funk como manifestação cultural nos cenários políticos do Brasil.

Ao longo de todo o processo, tentei contato com alguns artistas e outras fontes, mas a maioria sequer visualizou a mensagem. Mas uma artista me surpreendeu e topou a entrevista. A DJ Iasmin Turbininha, diretamente do Rio de Janeiro, é referência no funk 170bpm e 150bpm. Além da sua importante trajetória como artista, ela é uma referência de uma geração do funk mais nova, madura e mais aberta publicamente à comunidade LGBTQIA+. Fiquei absurdamente feliz e ela foi super simpática. Infelizmente, por uma questão de agenda, perdemos o contato e a entrevista não rolou. Mas depois de revisar o material que recolhi, percebi que já tinha um volume satisfatório para construir os episódios em uma média de 15 a 20 minutos cada. Talvez eu não tivesse fôlego e nem tempo suficiente para inserir tantas vozes no meu trabalho que me rendesse um bom resultado.

### 3.3 Garimpando: Roteiro e Edição

O processo de roteiro e edição do trabalho é um dos mais prazerosos e divertidos para mim. Tive dificuldades em elaborar o roteiro de cada episódio por conta da quantidade de informação que eu gostaria de inserir dentro do tempo que me propus para cada um. Em média, levo de 3 a 4 dias para criar os roteiros com as informações de texto para narração e recortes de tempo para entrevistas e músicas.

Finalizado o roteiro, parti para as gravações. A primeira tentativa de gravar o episódio #1 foi em casa com meu telefone celular e usando meu guarda-roupa para isolar os ruídos externos. A gravação deu certo e o resultado ficou bom. O roteiro ficou interessante e consegui inserir bastante conteúdo como pretendia. Mas ao fazer repetidas audições do produto finalizado, encontrei erros e pontos soltos no roteiro. Anotei todas as observações para alterar ao longo do processo criativo da sequência. Cheguei até o segundo roteiro e episódio mais confiante, com uma fluidez maior e com as observações do primeiro na memória para não persistir nos vacilos. No entanto, não consegui gravar a narração em casa por conta de uma obra em construção ao lado do prédio onde moro. Recorri ao estúdio de rádio que fica no campus de Comunicação, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (Icsa). Não sei por que não me lembrei dessa possibilidade e não busquei antes o apoio do estúdio porque a experiência foi ótima! A gravação foi muito mais fácil, fluida e a qualidade do som muito melhor. A parte difícil é que eu teria que regravar o episódio piloto por conta da enorme diferença na qualidade do som, mas como eu já tinha várias correções a fazer, regravar o episódio não me pareceu tão ruim assim.

O momento da montagem e edição foi super divertido e satisfatório. Os roteiros com o formato mais organizado facilitam muito meu trabalho durante as edições. Precisei ter paciência de repassar todas as entrevistas que realizei e elaborar um fichamento com os momentos que se encaixam melhor em cada trecho dos episódios. Eu adoro o momento da edição e a liberdade de criação que ela me permite. O programa que sempre utilizei e tenho mais afinidade é o Adobe Audition. Consegui aprender bastante sobre essa parte da elaboração de produtos sonoros ao longo da graduação, então não tive dificuldades nesse momento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS - O babado é embrazar

Pesquisar funk tornou-se um desafio quando me dei conta da trajetória de longos passos que esse ritmo possui. Eu queria falar sobre como ele poderia ser empoderador de alguma forma para as mulheres, mas acabei trombando com um universo cheio de contradições. Me surpreendi com seu potencial de empoderamento sim, mas também com sua identificação com as relações sociais e políticas do Brasil, até aquelas que se desencontram de aspectos considerados progressistas. Foi difícil mas tentei colocar no *Desembaça* um pouco da profundidade, da diversidade, da curiosidade e do lúdico do funk, respeitando alguns de seus verdadeiros protagonistas. Sinto que no fim das contas, um dos grandes objetivos do funk é embrazar, em todos os significados que esse termo pode ter: a dança, a fritação, a onda ou uma vibe. Com o podcast, eu queria que o ouvinte sentisse um pouco disso tudo e se rendesse ao funk e como ele pode ser um ingrediente maravilhoso na criação de boas memórias, como tem sido comigo.

Sobre o empoderamento feminino, aconteceu um processo de amadurecimento do potencial político do funk para as mulheres no decorrer dos anos. Desde o início, as vozes do funk feito para todo mundo rebolar a bunda desejavam respeito e reivindicavam direitos. Isso se fortaleceu e tem se expandido para diferentes possibilidades. Na tentativa de apontar reconhecimento a alguns fatores, é claro que podemos levar em consideração a chegada da internet e o maior alcance à informação. Mas esse detalhe não teria efeito algum se não fosse a presença constante da atuação de grupos politicamente organizados, especialmente os movimentos afro-brasileiros por direitos e das mulheres negras feministas, como as próprias Benedita e Marielle. E isso é exatamente sobre empoderamento, a atuação individual de mulheres que se movimentam para que todo o coletivo desfrute das possibilidades que existem sobre liberdade.

Se a tentativa era desembaçar a presença das mulheres no funk, acredito que o trabalho trouxe reflexões interessantes e necessárias. Espero que esta pesquisa também apresente ao ouvinte/leitor o mesmo universo que descrevo e alimente o interesse de quem deseja mergulhar no funk, esta forma de fazer música que conta tanto e tão bem a história do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE, GG. **Uma década de funk: as músicas que marcaram os anos 2010 - 2019.** O Volume Morto. 2021. Disponível em: <https://volumemorto.com.br/uma-decada-de-funk-2010-2019/> Acesso em: Janeiro 2023

ALBUQUERQUE, GG. **A luta de uma das mulheres pioneiras no funk: MC Ellu.** 2022. O Volume Morto Disponível em: <https://volumemorto.com.br/a-luta-de-uma-mulher-mc-pioneira-do-funk-mc-ellu/>. Acesso em: Janeiro 2023

ALBUQUERQUE, GG. **As poéticas da putaria de Tati Quebra Barraco e “Boladona”.** O Volume Morto 2021. Disponível em: <https://volumemorto.com.br/tati-quebra-barraco-boladona-funk-putaria/>. Acesso em: Novembro, 2022

ALBUQUERQUE, GG. **Iasmin Turbininha sobre LGBTs no funk, trabalho e baile de favela.** O Volume Morto. 2019. Disponível em: <https://volumemorto.com.br/iasmin-turbininha-entrevista-lgbt/>. Acesso em: Janeiro 2023

ALBUQUERQUE, GG. **O funk e a criminalização da cultura jovem periférica no Brasil.** 2019. O Volume Morto. Disponível em: <https://volumemorto.com.br/o-funk-e-a-criminalizacao-da-cultura-jovem-periferica-no-brasil/>. Acesso em: Janeiro, 2023

CIRQUEIRA, Gabriela. MONTEIRO, Karen. **“Late que eu to passando” representação da sexualidade feminina por mulheres no Funk.** Salvador. 2014.

COUTINHO, Tamiris. **Cai de boca no meu Buc3t@0.** Rio de Janeiro: Editora Claraboia. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** São Paulo: Editora Boitempo. 2016.

FREIRE FILHO, João. MARQUES, Fernanda. **Jovens, Espaço Urbano e Identidade: Reflexões sobre o Conceito de Cena Musical.** Rio de Janeiro. 2005.

GONZÁLES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Rio de Janeiro. 1984.

hooks, bell. **Teoria Feminista: Da Margem ao Centro.** Editora Perspectiva. 2019

KISCHINHEVSKY, Marcelo. O rádio expandido. In: KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais.** Rio de Janeiro: MAUAD Editora Ltda., 2016.

LOPES, Letícia. **O Funk em disputa, uma análise de títulos jornalísticos e suas narrativas estigmatizadas.** Mariana. 2021.

MUSTAFA, Izani Pibernat. **O rádio mudou. É expandido. Transbordou para o celular e para as redes sociais.** COMUN. MÍDIA CONSUMO, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 216-221, Set./Dez. 2017. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/1449/pdf>.

PIRES VIANA, Iara. **Território Funk e Feminilidades: subjetividades construídas entre relação de poder, a rua e a violência.** Belo Horizonte. 2016.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a Arte, o pensamento pragmatista e a estética popular.** Editora 34. 1998.

SILVA ROCHA, Luís Gusthavo. **Jornalismo, podcast e música, alternativas para construção de discursos musicais via podcasts em empresas de mídia.** São Paulo. 2019.

VAN-DÚNEM, Shirley. **Deize Tigrona: “A minha escrita vem de um pensamento afro-futurista para alcançar o além e estar sempre mais à frente”.** 2022. Disponível em:  
<https://www.rimasebatidas.pt/deize-tigrona-a-minha-escrita-vem-de-um-pensamento-afro-futurista-para-alcancar-o-alem-e-estar-sempre-mais-a-frente/>

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcasting: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, UFJF, Juiz de Fora, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14264>. Acesso em 15 jul. 2022.

VIOLA, Kamille. **Baby Perigosa: “O funk precisa de mulheres cantando sobre o próprio prazer.”.** Rio Adentro. 2020. Disponível em:  
<https://rioadentro.blogosfera.uol.com.br/2020/02/28/baby-perigosa-o-funk-precisa-de-mulheres-cantando-sobre-o-proprio-prazer/>. Acesso em: Março, 2023

VIOLA, Kamille. **“Hoje a funkeira é a mulher que todo mundo gostaria de ser”, diz Valesca.** 2020. Rio Adentro. Disponível em:  
<https://rioadentro.blogosfera.uol.com.br/2020/02/23/hoje-a-funkeira-e-a-mulher-que-todo-mundo-gostaria-de-ser-diz-valesca/>. Acesso em: Março, 2023

## REFERÊNCIAS FONOGRAFICAS:

Deize Tigrona. **Fui eu que fiz.** 2022. Disponível em:  
[https://open.spotify.com/intl-pt/album/74eeMTSSfH4H0myIaBMwdb?si=\\_bYBiMG7TEuYlmlTP1rAjA](https://open.spotify.com/intl-pt/album/74eeMTSSfH4H0myIaBMwdb?si=_bYBiMG7TEuYlmlTP1rAjA)

Denise Garcia. **Sou feia mas tô na moda.** 2005. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=7TEGmeETANE&t=337s&pp=ygUZc291IGZlaWEgbWFzIHtDdCBuYSBtb2RhIA%3D%3D>

**Mano a Mano: Sueli Carneiro.** 2022. Disponível em:  
<https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr?si=f0d3f707b8f64dc2>

MC Dricka. **E Nois Tem Um Charme Que É Daora.** 2021. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=h53iBmEKupg&pp=ygUJbWMgZHJpY2th>

MC Dricka. **Meu gadinho de faz tempo.** 2022. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=JRuD1ZIALAU&pp=ygUibWMgZHJpY2thIG1ldSBnYWRpbmhvIGRIIGZheiB0ZW1wbw%3D%3D>

Tati Quebra Barraco. **Boladona.** 2005. Disponível em:  
[https://open.spotify.com/intl-pt/album/7KO4hTUN3Jeo5LE6W2ZRbo?si=Kx7423YpS9K4613VVQR\\_RQ](https://open.spotify.com/intl-pt/album/7KO4hTUN3Jeo5LE6W2ZRbo?si=Kx7423YpS9K4613VVQR_RQ)

## ANEXOS:

<b>ROTEIRO PODCAST: ep. #01</b> <b>vlw, mto obrigada mas agora virei puta.</b>	
<p><b>BG:</b></p> <p>BG Guitar Cabo Conecting</p> <p>Boladona, Tati Quebra Barraco tempo: 00'01" a 00'18" e vai descendo o volume</p>	<p><b>OFF's</b></p> <p>Eu tenho uma lembrança muito viva de um carnaval quando eu era criança na minha cidade. Eu e minha família fomos em um bloco pequenininho, já que sou do interior de Minas Gerais. Isso era por volta do ano de 2006 e a atmosfera do rolê era a seguinte: carros com caixas som enormes, homens e mulheres dançando até o chão e Furacão 2000 no talo com a Tati Quebra Barraco boladona e sentada na esquina.</p> <p>Apesar de estar longe do Rio de Janeiro, pude sentir um gostinho do que estava acontecendo naquele momento durante o carnaval. O funk estava se popularizando em cada canto do país e se tornaria um dos maiores fenômenos musicais e movimentos culturais do Brasil.</p>

Sobe Tati Quebra Barraco,  
tempo:

No fim dos anos 1980 e durante toda a década de 1990, o funk como gênero musical ainda se moldava gradualmente nas periferias do Rio de Janeiro.

Antes de tudo, rolaram os primeiros bailes na cidade, chamados Bailes da Pesada, organizados pelos DJ's Big Boy e Ademir Lemos. Os encontros rolavam lá no Canecão, uma casa de show sul carioca, e reunia um público bem heterogêneo em termos de classe e de cor.

No geral, a música que tocava nesses bailes era um misto de Soul com diversos estilos de música eletrônica. Até fins da década de 1980, o funk que se tocava era instrumental ou com letras em inglês que muitas vezes a galera trocava espontaneamente pelo português quando tinha uma sonoridade parecida. As faixas eram conhecidas como Raps ou Melôs.

No decorrer do tempo, o Canecão decidiu transformar-se em uma casa de show de MPB e o baile foi convidado a se retirar. A partir daí, as festas passaram a rolar nos subúrbios e favelas cariocas, adquirindo uma identificação mais íntima com um público pobre e majoritariamente negro. Seria a partir desses bailes que alguns dos grupos de funk mais famosos do Brasil

		<p>surgiriam: O Furacão 2000 e a Soul Grand Prix. (sou gran prí)</p> <p>O funk nasceu de uma variedade de ritmos musicais que coexistiam e dialogavam entre si. A gente pode citar alguns, por exemplo o miami bass, o electro, o latin freestyle e o hip-hop. Tamiris Coutinho, autora do livro Cai de boca no meu bucetão, o funk como potência no empoderamento feminino, é uma referência gigante pra este trabalho. Segundo ela, o termo "funk" acabou sendo utilizado genericamente para se referir aos gêneros musicais provenientes da black music.</p> <p>À medida que aquele novo jeito de se fazer música absorvia essas referências da black music, o funk começava a trilhar sua própria linha evolutiva musical.</p> <p>O lançamento do disco Funk Brasil Vol 1, organizado pelo DJ Marlboro, em 1989, foi um momento marcante na concretização desse novo ritmo que trouxe pela primeira vez, MC's cantando com letras em português aquele tipo de funk que tocavam nos bailes, meio instrumental, meio soul, que eu comentei lá no início. A vibe era mais ou menos essa, ó.</p>
--	--	--

	<p>Sobe Entre nessa Onda, MC Batata tempo:</p> <p>Sonora Documentário Sou feia mas tô na moda. tempo: 08'27" a 8'40"</p>	<p>Os bailes funks se tornaram cada vez mais populares e agora se dividem em dois tipos de rolês. Os Bailes de Comunidade eram realizados dentro das favelas para um público variado, não somente os moradores da comunidade e as festas atraíam milhares de pessoas. Música alta, passinho, aparelhagem de som e criatividade nas roupas eram de lei e são características herdadas dos bailes blacks e soul.</p> <p>Existiam também os Bailes de Clube, divididos em Bailes Comuns e Bailes de Corredor, esse último conhecido também como Bailes de Briga. A diferença entre os dois era a duração dos conflitos.</p> <p>Peraí, mas como assim, bailes de briga? A galera saía na porrada enquanto o DJ tocava? Sim, era mais ou menos isso mesmo.</p> <p>Esse foi o jornalista, Silvio Essinger, em uma participação no documentário Sou Feia mas tô na moda. Existiam regras para esses conflitos que os participantes deveriam seguir</p>
--	--	---

	<p>Deixa os garoto brincar - remix tempo:</p> <p><a href="#">Quando o DJ toca, FBC.</a> tempo: 0'28" a 0'37"</p>	<p>obrigatoriamente. No geral, a atração principal do baile era a galera dividida em Lado A e Lado B e o DJ comandando a diversão com a música, enquanto rolava 15 minutos de felicidade.</p> <p>Durante os eventos, podiam rolar também disputas e gincanas, como a Musa do Baile, quem levava o melhor grito de guerra, rimas de rap e quem mandava os melhores passinhos.</p> <p>Os bailes eram e ainda são um espaço de lazer acessível e que celebra a periferia. Apesar das dificuldades do dia a dia, do racismo, do preconceito com as periferias das cidades e seus moradores, sempre tem o baile.</p> <p>Não sei se vocês conhecem o Fabrício, mais conhecido como FBC. Ele é um artista do rap de Belo Horizonte e fez um disco com o DJ Vhoor, que ao mesmo tempo, cria e narra a experiência do baile naquele período. No verso da música 'Quando o DJ toca', ele diz:</p> <p>Vale a pena conhecer esse álbum.</p> <p>Acho muito importante e nós vamos falar aqui sobre alguns estigmas atrelados ao funk.</p>
--	--	--

	<p>Os programas de TV tradicionais investiram na produção de notícias e reportagens sobre os bailes funks e, principalmente, sobre seus frequentadores. As reportagens costumavam ser preconceituosas, vez ou outra colocando o favelado e a favela no lugar de um ser exótico.</p> <p>Só se falava dos bailes funks como necessariamente associados ao tráfico de drogas, prostituição e outros tipos de crimes. Essa prática maldosa do jornalismo costuma alimentar um vício de esquecer da complexidade das relações sociais do Brasil, criando estereótipos a respeito de pessoas pobres e faveladas.</p> <p>Segundo o autor do livro <i>O Funk na Batida</i>, Danilo Cymrot, a identidade de 'funkeiro' praticamente inexistia entre o público dos bailes. A imprensa brasileira acabou criando um termo identitário de grupo quando utilizava o termo "funkeiro" para se referir aos participantes do famoso caso conhecido como Arrastão nas praias da Zona Sul do Rio e a todo um segmento social relacionado a esse caso.</p> <p>Nas palavras de Danilo, a imagem criada foi a do jovem negro, pobre e suburbano cujas práticas culturais eram sempre narradas com um toque de racismo e alto grau de estranheza da maioria dos jornalistas.</p>
--	--

	<p>Sobe BG para dar fluidez no assunto</p>	<p>Depois de muitos anos de Bailes de Briga, o funk passou por uma transformação decisiva na virada da década de 1990 para o começo dos anos 2000.</p> <p>Naquele momento, a grande maioria das músicas de sucesso do funk eram compostas e apresentadas por MC's, DJ's e produtores homens. Você vai se lembrar de Cidinho e Doca, do Bonde do Tigrão, dos Hawaianos...</p> <p>Ou seja, tínhamos um cenário musical majoritariamente composto apenas de homens que cantavam, produziam e tocavam músicas sob a perspectiva masculina.</p> <p>Naquele álbum, Funk Brasil Vol 1 que mencionei logo no início, a música que abre o Lado A do disco é o Rap das Aranhas, que faz referência, utilizando um tom bem homofóbico, à uma relação entre duas mulheres. Depois no Funk Brasil Vol 2, o Rap ganhou uma faixa de resposta, intitulada Resposta das Aranhas, com uma letra continuamente bem equivocada e homofóbica.</p> <p>Timidamente, as mulheres começaram a ocupar espaços nos</p>
--	--	--

	<p>bailes e na indústria musical. Vamos a alguns casos.</p> <p>Nomes como o de Verônica Costa não são esquecidos. A "Mãe Loira", como é conhecida, comandava junto com o marido, a Furacão 2000 e os Bailes de Galera que eram promovidos pela equipe. Verônica sempre enaltecia as mulheres funkeiras no palco, chamando-as de glamurosas, purpurinadas e poderosas. Elogios que batiam de frente com as denominações como "cachorra", as "preparadas", "tchutchucas", "gatinhas", que eram sempre utilizadas na perspectiva dos homens e na maioria das vezes com um toque machista nas letras.</p> <p>O funk já viajava e se comunicava por outros territórios além do Rio de Janeiro.</p> <p>MC Ellu, criada entre o Rio e Minas Gerais, é possivelmente a primeira mulher a gravar uma música de funk, em 1992, no álbum Fábrica Ritmos, uma produção independente que reuniu vários MC's de Belo Horizonte. MC Ellu gravou a música 'Tira a mão de mim', que falava sobre assédio. A sua carreira, infelizmente, acabou tomando rumos tristes, sendo a própria cantora vítima de assédio. E apesar da sua contribuição não ter sido reconhecida no futuro, é interessante a gente observar que MC Ellu cantou sobre uma</p>
--	---

		<p>temática de protesto e empoderamento muito antes das primeiras gerações do funk feminino de que vamos falar adiante.</p> <p>Em 1994, MC Cacau passou a fazer parte do percurso das festas com a música "Rap do baile". MC Dandara, em 1995, conquistou o primeiro lugar nos Festivais, eventos que rolavam nos bailes que premiavam as melhores rimas de rap. A artista venceu com a simbólica música "Rap da Benedita".</p> <p>Um breve parênteses para falar desse Rap. O simbolismo está desde o nome escolhido pela artista, Dandara, companheira do líder quilombola Zumbi dos Palmares. E também à dedicatória à Benedita da Silva, uma das lideranças políticas mais importantes do Brasil. Benedita é gigante, sendo uma mulher negra, favelada, auxiliar de enfermagem que é formada em Estudos Sociais e Serviço Social e professora. Ela desempenhou um papel muito importante na defesa dos direitos humanos no Brasil. A lista de coisas que essa mulher já fez na vida, gente...</p> <p>Foi vereadora do Rio de Janeiro, vice-governadora e governadora do estado, deputada federal e constituinte e também ocupou uma cadeira de senadora. Ficha pequena, né? Benedita é um dos nomes mais significativos na luta pelos direitos das mulheres</p>
--	--	---



	<p>doc SFMTM: Deize + comentários 08'18" ponte para 08'57"</p> <p>Thamiris fala sobre o funk putaria como empoderamento feminino tempo: 10'34" até...</p>	<p>O funk como um gênero musical vai se desenvolvendo em subgêneros como o Funk Ostentação, Funk Consciente, Funk Proibidão e por aí vai. O Funk Sensual é um deles e vai evoluindo para o que conhecemos hoje como Funk Putaria.</p> <p>Muito disso que eu tô falando tá no livro da autora Thamiris Coutinho. Nesse livro, que evoluiu do seu projeto de TCC, ela conta a história do funk no Rio de Janeiro e o papel que as mulheres tiveram na construção de um empoderamento feminino por meio do funk.</p> <p>Pensa um pouco comigo. Ao falar sobre suas experiências no amor, no sexo e no relacionamento com os homens, essas artistas romperam com a narrativa única que predominava no funk e ocupam um lugar de autonomia nessas relações.</p>
--	---	--



	<p>Brasil foi o Funk Sensual, cantado por essas mulheres autônomas do seu desejo.</p> <p>A presença de mulheres no funk foi aumentando espontaneamente, ganhando mais evidência e logo surge uma nova geração de artistas que se tornaram lendas.</p> <p>Essa segunda geração tinha o sexo como tema principal das letras, diretamente ou em duplo sentido, sob a perspectiva das mulheres. Quem chega em peso é Tati Quebra Barraco, Vanessinha Pikachu, Valesca Popozuda com o grupo Gaiola das Popozudas e Juliana, com o grupo Juliana e as Fogosas.</p> <p>Essas mulheres que tomaram esse lugar como protagonistas das suas narrativas não saíram ilesas de críticas. Se até hoje elas não saem, imagina naquele momento em que discussões sobre o lugar da mulher, feminismo, racismo não ganhavam tanta proporção como é atualmente com a Internet.</p> <p>A gente percebe que o funk é um canal que conversa diretamente com seu tempo. Artistas de funk estão sempre criando. Como a própria Tamires Coutinho disse em seu livro: Provavelmente, enquanto escrevo aqui, uma novidade está surgindo no funk. A partir disso, esse ritmo tem o potencial de propor a reflexão e o exercício do empoderamento</p>
--	--

	<p><a href="#">Vlw, mto obrigada mas agora virei puta</a> tempo: 0'01" a 0'35"</p>	<p>sobre questões que talvez não chegassem lá tão facilmente se não fosse através da voz, do incentivo e do apoio das MC's.</p> <p>Mas o que significa uma mulher cantar sobre putaria? Uma mulher negra vai subir no palco e te dizer com autonomia sobre o próprio desejo?</p> <p>É, eu tô ansiosa pra gente ir fundo sobre isso no próximo episódio.</p> <p>ficha técnica:</p> <p>esse projeto contou com roteiro, produção, edição, pesquisa, entrevista e locução de Yasmim Paulino captação de locução em estúdio de Thiago Caldeira orientação do professor cláudio rodrigues coração</p>
--	--	--

**ROTEIRO PODCAST: ep. #02**  
**Fama de Put0n@**

Data: 19/04/2023 a 25/04/2023

OBS:	BG'S	OFF'S:
	<p><a href="#">Injeção</a> tempo:</p>	<p><b>ABERTURA:</b> Salve, salve. Você acabou de dar play em mais um episódio do podcast Desembaça. Meu nome é Yasmim Paulino mas pode me chamar de Yaz. Vocês se lembram de onde paramos?</p> <p>Bom, pra refrescar a memória, eu contei uma breve história do funk, dos bailes e como a mulherada foi embarcando nesse trem. Eu sempre tive a curiosidade de conhecer mais sobre o impacto das mulheres no funk, um ritmo musical que arrasta um alvo de julgamentos e que divide opiniões entre o empoderamento feminino e a objetificação dos corpos das mulheres.</p> <p>Pra ajudar a desenrolar esse nó, eu vou continuar contando um pouco dessa história pra vocês. O livro da Tamiris, o Cai de Boca que eu comentei no primeiro episódio, é essencial pra gente se orientar sobre o funk feminino brasileiro. Eu já contei pra vocês sobre duas gerações muito importantes, que abriram caminhos para as mulheres no funk lá no início. Lembra da Deize?</p> <p>É, eu imaginei que sim. Então vamos partir daqui. A segunda geração de</p>

	<p>tocar: <a href="#">Sou feia mas tô na moda</a></p> <p>tempo:</p>	<p>funkeiras mergulhou no Funk Sensual, ou Putaria e Melody. A temática do sexo sob a perspectiva feminina é predominante nas letras, sempre usado em duplo sentido ou diretamente. Em 2004, o lançamento do álbum Boladona, da Tati Quebra Barraco, foi um acontecimento na história do funk e ajudou muito na popularização do ritmo pelo Brasil. Ele foi produzido pelo conhecido DJ Marlboro e tornou-se um clássico</p> <p>Alguns artistas e composições ganhavam cada vez mais público e romperam barreiras, caindo no repertório da classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro. DJ Marlboro se tornou DJ do programa Planeta Xuxa, na Rede Globo e o movimento começou a ganhar espaço em programas de TV, como o Caldeirão do Huck, Mulheres, É Show e outros.</p> <p>Apesar de carregar toda essa moral, o que mais interessa pra gente aqui é a expressão da sexualidade feminina de Tati Quebra Barraco. Ao longo do repertório da cantora, as músicas são entoadas por uma mulher autônoma do próprio desejo sexual e blindada de julgamentos. Essa nova forma de cantar rompeu com um discurso único do funk até aquele momento, feito apenas do gozo masculino e para ele. Dá uma olhada no refrão da música Sou feia mas tô na moda.</p> <p>Ou essa, Vou botar você na pista.</p>
--	---	--

	<p>tocar: <a href="#">Vou botar você na pista</a> tempo:</p> <p>GG tempo: 22'00" até o fim da fala</p> <p>GG tempo: 2'40" a ... fim da frase</p> <p>GG tempo: 25'23" a ...</p>	<p>O pesquisador de música e estéticas periféricas, GG Albuquerque, elaborou o conceito de "poética da putaria". Doideira, né? Mas esse conceito tem a ver com as estratégias criadas por essas artistas de jogarem com a linguagem.</p> <p>Segundo GG, o funk enquanto uma expressão cultural já explorava as potências do erótico, do corpo, da festa, afirmando-as como apropriações do mundo, como a gente pode ver nas letras de Deize, Valesca, Mr. Catra, Os Hawaiianos.</p> <p>Mas Tati Quebra Barraco tornou-se uma das principais articuladores dessa nova linguagem em relação ao gênero, criando uma poética na qual o sexo atravessa questões de raça, de classe e de gênero, de forma interseccional. Isso é a poética da putaria.</p> <p>Além disso, eu gosto de ressaltar sempre que o funk apresenta a possibilidade da mulher expressar a sua sexualidade sem culpa, sem amarras, fora das quatro paredes do matrimônio. Em um de seus textos, GG</p>
--	--	---

Albuquerque traz a contribuição da autora Audre Lorde sobre o erótico. Em seu livro *Usos do Erótico: O Erótico como Poder*, ela diz que "para além do sexo, entendia o erótico como uma energia criativa que foi demonizada e desvalorizada na cultura ocidental, servindo para submeter as mulheres ao sofrimento pela culpa da existência desse erotismo.

Toda a repercussão do álbum de Tati e da crescente presença de mulheres no funk fez surgir o debate sobre uma nova geração do feminismo brasileiro. Em 2004, esse papo esquentou quando Tati foi convidada a representar o Brasil em uma apresentação no Festival alemão, *Ladyfest*, em Stuttgart, viagem patrocinada pelo Ministério da Cultura, encarregado do mestre Gilberto Gil. Nesse cenário, o funk e as funkeiras foram massacrados por uma grande parcela de pessoas consideradas relevantes política e socialmente no Brasil. Vou dar alguns exemplos do que rolava. A secretária especial de políticas para mulheres, Rose Marie Muraro, disse que "Tati é um objeto sexual e não um agente de mudanças (...) o comportamento sexual foi pauta em 1970, isso é ultrapassado". Uma matéria do veículo *IstoÉ* achou "difícil entender o que versos como '69, frango assado, de ladinho a gente gosta', tem a ver com a luta pelos direitos civis e políticos da mulher, como o dicionário define o 'feminismo'". O que será que significa uma mulher cantar sobre o próprio desejo?

	<p>Tamiris tempo: 9'50" - 10'59" ponte 23'13"</p> <p>Tamiris: tempo: 14'36" GG tempo: 7'00" por volta de ponte para 25'48"</p>	<p>O funk é assim, complexo e desafia as contradições, colocando elas em jogo.</p> <p>Se é difícil de entender pra algumas pessoas, existem algumas questões que contribuem pra o funk ser tão desvalorizado por algumas pessoas. Eu conversei sobre isso com Tamiris e GG.</p> <p>O que poderia ser mais contemporâneo e valioso para o movimento feminista brasileiro do que uma artista negra cantando sobre seus desejos em uma sociedade fruto da escravidão? E, ainda, terem seus esforços por emancipação sufocados e excluídos de movimentos feministas totalmente embranquecidos no Brasil, assim como em outros lugares como na América do Norte e países da Europa. Daí, sim, pode soar ultrapassado para algumas feministas brancas.</p> <p>Mesmo que as funkeiras não tivessem sido aprovadas com a carteirinha de militantes e nem a intenção de se lançarem como feministas, elas ainda sim o fizeram com suas músicas. Pois ela rompe com efeitos da estrutura sexista e patriarcal da sociedade em que vivemos. Quem fala muito bem sobre isso é a autora socióloga e ativista</p>
--	--	---

	<p>MC Carol, Meu namorado é mó otário tempo:</p>	<p>feminista, bell hooks. Em linhas mais simples, podemos dizer que o sexismo se manifesta na forma de dominação masculina, que acaba levando à discriminação, exploração e opressão.</p> <p>De maneira direta ou indireta, o Funk não canta apenas sobre sexo. Essas artistas estão falando de relações de poder que atravessam a história do Brasil e impactam diretamente no seu cotidiano. E me parece que esse ritmo tem sido um ponto de encontro para o público feminino no despertar de um empoderamento feminino, quando usam o campo da linguagem pra demarcarem um lugar, contrariando as expectativas do que é imposto.</p> <p>Empoderadas para alguns e invalidadas por outros, o fato é que esse movimento fez crescer a presença de mulheres no funk cada vez mais. Novos nomes despontaram na cena e com eles, novas gerações do funk feminino.</p> <p>Uhum, eu também fiquei ansiosa pra falar delas, viu? Espero você no próximo episódio.</p> <p>ficha técnica:</p> <p>esse projeto contou com roteiro, produção, edição, pesquisa, entrevista e locução de Yasmim Paulino</p>
--	--	---

		<p>captação de locução em estúdio de Thiago Caldeira</p> <p>orientação do professor cláudio rodrigues coração</p>
--	--	---

<p align="center"><b>ROTEIRO PODCAST: ep. #03</b> <b>acompanha a versão!!</b></p> <p><b>Data: 31/05/2023 a 29/06/2023</b></p>		
<b>OBS:</b>	<b>BG'S</b>	<b>OFF'S:</b>
	<p>sobe BG de abertura tempo:</p> <p>MC Carol, Meu Namorado é mó otário tempo:</p>	<p><b>ABERTURA:</b> Salve, salve. Você acabou de dar play em mais um episódio do podcast Desembaça. Meu nome é Yasmim Paulino mas pode me chamar de Yaz.</p> <p>Cês lembram de onde a gente parou?</p> <p>Aaaah aiai, eu também tô ansiosa pra falar delas! Nesse terceiro episódio, vamos conversar sobre as duas mais recentes gerações do funk feminino no brasil e o que veio junto com elas.</p> <p>Particularmente falando, a terceira geração de funkeiras foi uma das que mais me marcou. Eu tava chegando na adolescência e já consumia e me interessava mais pelo funk por autonomia e não só por ouvir na caixa de som de outras pessoas.</p>

	<p>Quadrado de oito, Bonde das Maravilhas tempo:</p>	<p>Seguindo o recorte temporal do trabalho de Tamiris Coutinho, essa geração é composta por artistas que ganharam destaque entre os anos de 2010 e 2019. Alguns nomes que marcaram esse período para o funk foram a MC Carol de Niterói, o Bonde das Maravilhas, a MC Rebecca e foi nessa época que algumas artistas como MC Anitta, MC Beyoncé e MC Pocahontas também ganharam destaque. Ou apenas Anitta, Ludmilla e Pocah, como podemos chamá-las hoje em dia.</p> <p>Apesar de terem se destacado num momento em comum, podemos observar que são artistas diferentes. A MC Carol seguia mais próxima do Funk Putaria, a MC Beyoncé e Anitta experimentando um pouco do Funk Melody, um subgênero com mais possibilidades comerciais e letras com versões lights das músicas. O Bonde das Maravilhas e a MC Beyoncé com a cultura dos bondes, reforçava a relação entre coreografias + o audiovisual, como o clipe do quadrado de oito.</p> <p>Em um intervalo de quase uma década, o funk desenvolveu uma grande versatilidade de estilos e ganhava cada vez mais espaço no mercado musical, evoluindo constantemente sua forma de fazer música. A partir desse cenário, já é possível notar uma interessante pluralidade de vozes femininas no funk, ora com letras mais quentes, ora menos.</p>
--	--	---

	<p>Cai de boca, Rebecca tempo:</p> <p>Não sou obrigada, Pocah tempo:</p> <p>BG Vai Malandra Instrumental tempo:</p>	<p>As músicas sobre sexo ou temáticas sensuais dessa geração seguem carregando a ousadia de sempre e cada vez mais confiante nos seus posicionamentos. Segundo Tamiris, essa é uma geração de artistas que se destaca por assumirem um discurso que cobrava respeito à seus corpos e à liderança feminina, além de manifestar o direito à própria sexualidade.</p> <p>A gente pode citar alguns exemplos e você vai se lembrar de ter ouvido...</p> <p>Ou também:</p> <p>Importante a gente destacar aqui que essa geração acompanhou o crescente acesso à Internet e a possibilidade de viralização de seus trabalhos. Nesse novo cenário, as discussões sobre o corpo feminino ganham uma proporção muito maior do que antes, um contexto bem diferente e que as gerações anteriores não vivenciaram.</p> <p>É nesse período que rolam alguns momentos marcantes para o funk feminino. Tamiris destaca que entre 2017 e 2018, por exemplo, Anitta foi a artista de funk mais popular fora do Brasil, de acordo com o Spotify. O videoclipe de 'Vai Malandra' acumulou 8,7 milhões de visualizações em 10 horas de lançamento. Em 2019, Rebecca foi a primeira mulher negra a ocupar o primeiro lugar na lista de mais</p>
--	---	---

		<p>ouvidas no Spotify Brasil e em 2020, Ludmilla atingiu 1 bilhão de streams na mesma plataforma, sendo a primeira mulher negra e também latina a ocupar esse lugar. E não parou por aí, a gente sabe.</p> <p>A construção dessa consciência resulta em uma autoconfiança que continua impactando as artistas do funk em uma quarta e mais recente geração, nomeada pela Tamiris como o bonde das faixa rosa. A partir do ano de 2019, alguns nomes se destacam no funk como a MC Dricka, Bianca, Paty Trem Barbie, Baby Perigosa, MC Nick, MC Marcelly e MC Ingryd.</p> <p>Lembram quando eu comentei sobre a Poética da Puarria no episódio anterior? Bom, parecia que o sexo entre o homem e a mulher era sempre o meio que agenciava alguma reflexão sobre o lugar da mulher. Acredito que as gerações mais recentes têm se utilizado desse lugar e se fortalecido nele, mas também criando cada vez mais novas narrativas sobre si.</p> <p>Faixa Rosa é uma expressão utilizada no universo funk, rap, trap e outros gêneros musicais relacionados pra se referir, no geral, a mulheres independentes nas várias nuances da vida, afetiva, financeira, sexual e por aí vai.</p> <p>E não é em vão. Essa é uma geração de jovens que se posiciona publicamente compreendendo o potencial do funk como uma ferramenta empoderadora para as mulheres em diferentes espaços da sua vida, não apenas perpassando pelo sexo. Novas possibilidades de</p>
--	--	---

	<p>MC Dricka, Nois tem um charme que é Daora tempo:</p>	<p>empoderamento feminino acabam sendo inspiradas por essas artistas.</p> <p>A MC Dricka, conhecida por Rainha dos Fluxos é a voz da música E nOis tem um Charme Q Eh Daora e tem realizado uma produção bem representativa dessa geração. Nessa faixa, por exemplo, a cantora exalta uma série de características que coloca uma mulher por cima como sua beleza, sua postura, seu dinheiro, seu corpo e tudo que ela quiser.</p>
	<p>Nois tem um charme eu é daora, Dricka tempo:</p>	<p>Dricka é uma artista dessa geração que também canta bastante putaria e algumas músicas são bem interessantes de refletir sobre o que a gente tem falado. A cantora foi convidada para gravar em um dos maiores canais do Youtube de performances musicais, o projeto alemão, Colors. Dricka mandou nada menos que:</p>
	<p>Meu gadinho de faz tempo, MC Dricka tempo:</p>	<p>Na música escolhida, inédita na época, Gadinho de faz tempo, Dricka invoca o nome de vários caras diferentes dizendo que todos são seus gadinho de faz tempo e que sofrer por término é passageiro. A artista já cedeu algumas entrevistas dizendo que busca exaltar</p>

as mulheres em suas músicas e curte falar sobre empoderamento, igualdade, amor e vingança em relacionamentos e que também não deixa de falar sobre os desejos sexuais que uma mulher pode ter. Falando nisso, MC Dricka é uma mulher funkeira lésbica e se posiciona em defesa dos direitos da comunidade, algo que tem ganhado mais força dentro do funk de alguns anos para cá.

No trabalho de Gabriela Cirqueira e Karen Monteiro chamado Late que eu tô passando, representação da sexualidade feminina no funk por mulheres, elas dizem que "algumas músicas de cantoras cariocas como Tati Quebra Barraco e Valesca Popozuda associam diretamente o poder feminino à independência sexual e, em alguns casos, à própria anatomia sexual da mulher".

No início da construção de um funk feminino, o aspecto empoderador parecia sempre passar pela Putaria e o sexo como campo de disputa pela demarcação de um lugar da mulher independente, sempre nessa relação binária entre homem e mulher. A figura masculina permanecia sempre ali e, aos poucos, esse lugar tem sido ocupado por outros personagens.

No campo da expressão da sexualidade, essas gerações têm experimentado da relação heterossexual nas músicas. Mas além disso, elas têm explorado a própria sexualidade, o que tem refletido em seus trabalhos e na forma como se posicionam quando a relação entre duas mulheres também é possível existir.

	<p>Sobre BG de fundo tempo:</p>	<p>Além da própria MC Dricka podemos dizer sobre MC Rebecca, MC Danny e a genial Ludmilla que se tornou um grande ícone pra comunidade quando assumiu sua bissexualidade e tornou público seu relacionamento com a sua de fé, a dançarina Brunna Gonçalves.</p> <p>Esse amadurecimento e fortalecimento de um discurso empoderador nas músicas e carreiras teve grande impacto também em artistas pioneiras do funk como Valesca, Deize, Tati Quebra Barraco, MC Carol...</p> <p>Em 2020, Valesca Popozuda celebrou em uma entrevista os passos que as mulheres deram no funk dizendo "Se você notar, todas as músicas nos 'tops' são com mulheres, que estão fazendo sucesso". "O machismo também não é mais tão forte como era antigamente. Mudou bastante, melhorou muito. Antes, não era aceitável que uma mulher dominasse um baile funk. Ela era retratada nas músicas somente como uma "tchutchuca". Hoje em dia (risos), nós, mulheres, somos rainhas. E aquela mulher que todo mundo gostaria de ser"...</p> <p>Deize Tigrone retomou sua carreira musical depois de alguns anos de intervalo por ter atravessado uma depressão. Em 2019, assinou com a Batekoo Music, selo musical do coletivo que organiza a famosa festa e lançou o álbum Fui eu que fiz, que veio ao mundo em 2022. O álbum tem muita coisa interessante tanto nas</p>
--	---------------------------------	---

	<p>Sururu das meninas, Deize Tigrone tempo:</p> <p>GG tempo: 26:37 a 27:27</p>	<p>letras quanto na equipe de DJ's e produtores. Uma das músicas, Sururu das meninas, traz exatamente essa perspectiva de uma sexualidade no funk que floresceu. Dá uma olhada.</p> <p>Do início dessa história até aqui, o que parece ainda ecoar entre gerações é uma persistente tentativa de demarcar um lugar na sociedade, especialmente à expressão da sexualidade que é uma pauta poderosa no universo feminino.</p> <p>Mas eu notei que mesmo com tanto a ser exaltado, isso não significa que esse terreno tá . À medida que a pesquisa ia caminhando e eu conversava com minhas fontes, elas me apresentaram perspectivas que deixavam o tema um pouco mais complexo do que eu imaginava.</p> <p>Mesmo com a possibilidade de criar novas narrativas sobre si, algumas questões ainda pairam nesse universo e eu quero trazer elas pra cá também.</p> <p>O GG já foi adentrando nesse papo comigo enquanto falávamos sobre a Poética da Putaria. O funk tem o potencial de empoderamento mas nem sempre essa prática vai ser 100% libertária.</p>
--	--	--

<p>“antes de tudo não é uma coisa absolutamente libertária...” a “vão se aproximar de um humor também...”</p> <p>GG tempo: 30:13 a 31:16 “essa coisa que você falou né do funk putaria...” a “...deputada do pt...”</p> <p>GG tempo: 31:18 a 32:16 “e...ela fala numa entrevista assim...se o que pega é falando putaria...” a “então esse é um ponto né, a gente considerar isso...”</p>	<p>Tamiris também falou sobre isso comigo, ela sempre fazia questão de lembrar que a pauta do empoderamento sempre caminha lado a lado com o debate sobre objetificação.</p> <p>Até onde a temática da putaria liberta e aprisiona? O GG foi ainda mais a fundo nesse debate.</p> <p>Vocês se lembram quando falei sobre a Benedita e o Rap da MC Dandara no episódio 1, certo?</p> <p>Ah, ok. Só checando mesmo.</p> <p>Eu também comentei no primeiro episódio um pouco sobre a MC Ellu.</p>
---	--

	<p>GG tempo: 31:17 a 34:17 “...tá tendo uma maior visibilidade e ainda assim não é muito porque...” a “...que a música de putaria tá falando de várias outras coisas né...”</p>	<p>Como o próprio GG já comentou, MC Ellu foi uma das artistas que cantou sobre assédio anos antes da primeira geração do funk feminino que trouxe o debate sobre empoderamento no início dos anos 2000. Se sua música não tivesse sido gravada em um disco e a pesquisa do GG não a tivesse encontrado, MC Ellu continuaria desconhecida entre os demais funks putaria.</p> <p>Visão demais, né? O funk é mais complexo, ao contrário do que algumas pessoas podem pensar. No meu papo com Tamiris, essa discussão também perpassou nossa conversa. O GG aponta a questão da visibilidade e que talvez por uma ordem mercadológica a galera grandona do mercado da música não esteja tão interessada em promover mais de uma ou duas MC's. Tamiris comentou sobre sobre uma representatividade em outros setores para além do artista que eu acho que se conecta com essa fala dele. Pega visão.</p>
	<p>Tamiris tempo: 38:19 a 39:19</p> <p>SOBE BG para mudar de assunto. tempo:</p>	<p>Além de complexo nesses aspectos, o funk muitas vezes pode também ser</p>

	<p>Danilo Cymrot 27:00 a 27:10 “ele tem elementos de conservadorismo...”</p> <p>28:09 a 29:00 “o funk putaria pode ser transgressor, sim... mas...”</p> <p>29:54 a 30:16 “isso não é exigido de outros setores e tal...”</p> <p>SOBE BG tempo:</p>	<p>contraditório e eu acho que é isso que tenho observado também.</p> <p>Quem me disse isso foi outra fonte, o pesquisador Danilo Cymrot, autor do livro O Funk na Batida. O livro faz uma análise do processo de criminalização do funk no Brasil e outros debates sobre esse tema dentro do poder legislativo brasileiro. No meu papo com o Danilo ele soltou essa perspectiva de que o funk tem o seu potencial transgressor sim mas às vezes não. E que também, a gente nem sempre precisa ficar exigindo isso do funk, sabe?</p> <p>A visão do Danilo traz uma perspectiva do funk mais ampla na questão das diferentes narrativas que pairam sobre esse tema na política e nas leis brasileiras.</p> <p>Essas três vozes com pontos de vista bem interessantes que eu joguei aqui pra vocês me deram a sensação de que o funk é provocativo apenas por ele existir, né? O que significa que ele</p>
--	--	---

		<p>sendo uma manifestação artística ele também pode ser contraditório e está continuamente mudando. Na verdade, eu concordo com o Danilo quando ele diz que isso é algo a ser celebrado. E reforço o que Tamires me disse sobre esse debate ser longo e que dificilmente terá um fim.</p> <p>Acho que o funk tem narrado e traduzido a história do Brasil de uma forma muito coerente. Complexa, profunda e dançante. O que você acha? Quer mais Brasil do que isso?</p> <p>Se você curtiu passear um pouco sobre a história do funk feminino comigo, acompanhe esse podcast pra gente conversar mais sobre música e seus efeitos. Eu vou gostar de ter você por aqui.</p> <p>Acompanhe também o trabalho dos pesquisadores e pesquisadoras que eu citei aqui. Vou deixar na descrição dos episódios.</p> <p>Tchau e até a próxima!</p> <p>ficha técnica:</p> <p>esse projeto contou com roteiro, produção, edição, pesquisa, entrevista e locução de Yasmim Paulino captação de locução em estúdio de Thiago Caldeira orientação do professor cláudio rodrigues coração</p>
--	--	--
